



ACOMPANHAMENTO DA SAFRA BRASILEIRA

GRÃOS | **SAFRA 2024/25**
8º LEVANTAMENTO

Maio 2025

volume 12
NÚMERO

8

Presidente da República

Luiz Inácio Lula da Silva

Ministro do Desenvolvimento Agrário e Agricultura Familiar (MDA)

Luiz Paulo Teixeira Ferreira

Diretor-Presidente da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab)

João Edegar Pretto

Diretora-Executiva Administrativa, Financeira e de Fiscalização (Diafi)

Rosa Neide Sandes de Almeida

Diretor-Executivo de Gestão de Pessoas (Digep)

Lenildo Dias de Moraes

Diretor-Executivo de Operações e Abastecimento (Dirab)

Arnoldo Anacleto de Campos

Diretor-Executivo de Política Agrícola e Informações (Dipai)

Sílvio Isoppo Porto

Coordenador Técnico

Sílvio Isoppo Porto

Superintendente de Informações da Agropecuária (Suinf)

Aroldo Antonio de Oliveira Neto

Gerente de Acompanhamento de Safras (Geasa)

Fabiano Borges de Vasconcellos

Gerente de Geotecnologias (Geote)

Patrícia Maurício Campos

Equipe técnica da Geasa

Carlos Eduardo Gomes Oliveira
Cleverton Tiago Carneiro de Santana
Couglan Hilter Sampaio Cardoso
Eledon Pereira de Oliveira
Janaína Maia de Almeida
Juarez Batista de Oliveira
Juliana Pacheco de Almeida
Luciana Gomes da Silva
Marco Antônio Garcia Martins Chaves
Martha Helena Gama de Macêdo

Equipe técnica da Geote

Eunice Costa Gontijo
Fernando Arthur Santos Lima
Gabriel Da Costa Farias
Lucas Barbosa Fernandes
Rafaela dos Santos Souza
Tarsis Rodrigo de Oliveira Piffer

Colaboradores

Adonis Boeckmann e Silva (Gerpa – algodão), Danielle Barros Ferreira (Inmet), Flávia Machado Starling Soares (Gerpa – trigo), João Figueiredo Ruas (Gefab – feijão), Leonardo Amazonas (Gerpa – soja), Sérgio Roberto G. S. Júnior (Gerpa – arroz e milho).

Superintendências regionais

Acre, Alagoas, Amazonas, Bahia, Distrito Federal, Ceará, Goiás, Maranhão, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Pará, Paraíba, Paraná, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte, Rio Grande do Sul, Rondônia, Roraima, São Paulo, Santa Catarina, Sergipe, Tocantins.



ACOMPANHAMENTO
DA SAFRA BRASILEIRA

GRÃOS | SAFRA 2024/25
8º LEVANTAMENTO

Copyright © 2025– Companhia Nacional de Abastecimento – Conab
Qualquer parte desta publicação pode ser reproduzida, desde que citada a fonte.
Disponível também em: <http://www.conab.gov.br>
Depósito legal junto à Biblioteca Josué de Castro
Publicação integrante do Observatório Agrícola
ISSN: 2318-6852

Editoração
Superintendência de Marketing e Comunicação (Sumac)
Gerência de Eventos e Promoção Institucional (Gepin)

Diagramação
Guilherme dos Reis Rodrigues e Martha Helena Gama de Macêdo

Fotos
Capa: Acervo Conab

Normalização
Márcio Canella Cavalcante - CRB 1/2221

Como citar a obra:

CONAB - COMPANHIA NACIONAL DE ABASTECIMENTO. Acompanhamento da Safra Brasileira de Grãos, Brasília, DF, v. 12, safra 2024/25, n. 8 oitavo levantamento, maio 2025.

Dados Internacionais de Catagolação (CIP)

C737a	Companhia Nacional de Abastecimento. Acompanhamento da safra brasileira de grãos – v.1, n.1 (2013-) – Brasília : Conab, 2013- v. Mensal Disponível em: http://www.conab.gov.br Recebeu numeração a partir de out/2013. Continuação de: Mês Agrícola (1977 -1991); Previsão e acompanhamento de safras (1992-1998); Previsão da safra agrícola (1998-2000); Previsão e acompanhamento da safra (2001); Acompanhamento da safra (2002-2007); Acompanhamento da safra brasileira: grãos (2007-) ISSN 2318-6852 1. Grão. 2. Safra. 3. Agronegócio. I. Título. CDU: 633.61 (81) (05)
-------	---

SUMÁRIO

CLIQUE NOS ÍCONES À DIREITA E ACESSE OS CONTEÚDOS

7	RESUMO EXECUTIVO
13	INTRODUÇÃO
16	ANÁLISE CLIMÁTICA
23	ANÁLISE DAS CULTURAS
23	ALGODÃO
33	ARROZ
45	FEIJÃO
72	MILHO
89	SOJA
99	TRIGO
103	OUTRAS CULTURAS DE VERÃO
114	OUTRAS CULTURAS DE INVERNO



RESUMO EXECUTIVO

A estimativa atual para a produção de grãos, safra 2024/25, após a pesquisa de campo realizada na última semana de abril, aponta para uma produção de 332,9 milhões de toneladas, crescimento de 11,9% ou 35,4 milhões de toneladas sobre a safra anterior. A soja se destaca com o maior crescimento, com a estimativa mostrando um volume colhido de 168,3 milhões de toneladas, seguida do milho, com 126,9 milhões de toneladas, e do arroz, com 12,1 milhões de toneladas.

Comparativamente à estimativa do mês anterior, observa-se um ganho de 0,8% ou 2,6 milhões de toneladas, com os maiores acréscimos observados no milho, 2,1 milhões de toneladas, na soja, 472 mil toneladas e no sorgo, 258,9 mil toneladas.

Com relação à área cultivada no país, observa-se um crescimento sobre a safra 2023/24, de 2,2%, ou de 1,8 milhão de hectares, estimada em 81,7 milhões de hectares, com os maiores acréscimos registrados na cultura da soja, com aumento de 1,5 milhão de hectares, seguido do milho, com 335,8 de hectares e do algodão, com 139,3 mil hectares superior à área cultivada na safra anterior.

No período analisado, as culturas de primeira safra apresentavam-se em fase final de colheita, as de segunda safra em vários estágios de desenvolvimento e as de terceira safra, juntamente com as culturas de inverno, em fase de plantio.

CLIQUE NOS ÍCONES À ESQUERDA E ACESSE OS CONTEÚDOS

Para a segunda safra, com a colheita em andamento, predomina os estádios de floração, enchimento de grãos e maturação, e a terceira safra, em fase de plantio. O volume de produção compreende os cultivos de feijão-comum cores, com 1,8 milhões de toneladas, feijão-comum preto, com 819,7 mil toneladas e caupi (macaçar), com 616,3 mil toneladas. Para a terceira safra, os plantios começam a se intensificar a partir de maio..

4.122 kg/ha, e a menor no Rio grande do Sul, com 2.084 kg/ha, onde as regiões produtoras passaram por altas temperaturas e irregularidades das precipitações a partir de dezembro, até o fim de fevereiro e que afetou drasticamente as lavouras em grande parte do estado.

TABELA 1 - COMPARATIVO DE ÁREA, PRODUTIVIDADE E PRODUÇÃO POR PRODUTO

Brasil	Estimativa da produção de grãos			Safras 2023/24 e 2024/25					
Produto	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 23/24	Safra 24/25	VAR. %	Safra 23/24	Safra 24/25	VAR. %	Safra 23/24	Safra 24/25	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
ALGODÃO - CAROÇO (1)	1.944,3	2.083,6	7,2	2.681	2.638	(1,6)	5.212,5	5.497,6	5,5
ALGODÃO - PLUMA	1.944,3	2.083,6	7,2	1.904	1.874	(1,6)	3.701,3	3.904,8	5,5
AMENDOIM TOTAL	255,4	279,4	9,4	2.873	4.176	45,3	733,7	1.166,7	59,0
Amendoim 1ª Safra	248,2	272,3	9,7	2.908	4.241	45,8	721,7	1.154,8	60,0
Amendoim 2ª Safra	7,2	7,1	(1,4)	1.661	1.677	1,0	12,0	11,9	(0,8)
ARROZ	1.606,6	1.716,9	6,9	6.583	7.071	7,4	10.577,0	12.140,3	14,8
Arroz sequeiro	324,8	361,7	11,4	2.591	2.735	5,6	841,8	989,4	17,5
Arroz irrigado	1.281,8	1.355,2	5,7	7.595	8.228	8,3	9.735,2	11.150,9	14,5
FEIJÃO TOTAL	2.858,7	2.792,2	(2,3)	1.119	1.156	3,3	3.198,6	3.229,0	1,0
FEIJÃO 1ª SAFRA	861,1	908,5	5,5	1.094	1.170	6,9	942,3	1.062,8	12,8
Cores	343,1	347,3	1,2	1.665	1.707	2,5	571,4	592,8	3,7
Preto	124,7	169,0	35,5	1.492	1.953	30,9	186,1	330,2	77,4
Caupi	393,3	392,2	(0,3)	470	356	(24,2)	184,9	139,8	(24,4)
FEIJÃO 2ª SAFRA	1.527,4	1.396,4	(8,6)	960	1.003	4,4	1.466,5	1.400,0	(4,5)
Cores	364,8	313,8	(14,0)	1.454	1.534	5,5	530,4	481,5	(9,2)
Preto	331,6	284,3	(14,3)	1.534	1.671	9,0	508,4	475,2	(6,5)
Caupi	831,0	798,3	(3,9)	515	555	7,9	427,5	443,4	3,7
FEIJÃO 3ª SAFRA	470,2	487,3	3,6	1.680	1.572	(6,4)	789,9	766,2	(3,0)
Cores	403,3	416,8	3,3	1.829	1.724	(5,7)	737,9	718,8	(2,6)
Preto	14,5	15,7	8,3	1.199	906	(24,4)	17,4	14,3	(17,8)
Caupi	52,4	54,8	4,6	663	604	(9,0)	34,7	33,1	(4,6)
GERGELIM	659,9	632,9	(4,1)	547	504	(8,0)	361,3	318,8	(11,8)
GIRASSOL	59,7	67,4	12,9	1.188	1.470	23,7	71,1	99,2	39,5
MAMONA	58,3	63,8	9,4	1.493	1.374	(8,0)	87,1	87,7	0,7
MILHO TOTAL	21.051,2	21.387,0	1,6	5.487	5.933	8,1	115.500,0	126.878,6	9,9
Milho 1ª Safra	3.970,1	3.750,1	(5,5)	5.784	6.583	13,8	22.962,2	24.688,4	7,5
Milho 2ª Safra	16.437,8	16.987,5	3,3	5.479	5.875	7,2	90.057,8	99.803,4	10,8
Milho 3ª Safra	643,3	649,4	0,9	3.856	3.676	(4,7)	2.480,3	2.387,1	(3,8)
SOJA	46.149,6	47.612,7	3,2	3.201	3.536	10,5	147.721,3	168.341,8	14,0
SORGO	1.459,2	1.554,7	6,5	3.033	3.182	4,9	4.425,6	4.947,0	11,8
SUBTOTAL	76.102,9	78.190,6	2,7	3.783	4.127	9,1	287.888,2	322.706,7	12,1
Culturas de inverno	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	2024	2025	VAR. %	2024	2025	VAR. %	2024	2025	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
AVEIA	488,4	486,2	(0,5)	2.132	2.283	7,1	1.041,5	1.110,1	6,6
CANOLA	147,9	202,2	36,7	1.322	1.459	10,4	195,5	295,1	50,9
CENTEIO	2,6	1,8	(30,8)	1.654	2.056	24,3	4,3	3,7	(14,0)
CEVADA	123,1	132,7	7,8	3.561	3.845	8,0	438,4	510,2	16,4
TRIGO	3.058,7	2.699,7	(11,7)	2.579	3.058	18,6	7.889,3	8.255,3	4,6
TRITICALE	15,6	12,1	(22,4)	2.603	2.901	11,4	40,6	35,1	(13,5)
SUBTOTAL	3.836,3	3.534,7	(7,9)	2.505	2.888	15,3	9.609,6	10.209,5	6,2
BRASIL (2)	79.939,2	81.725,3	2,2	3.722	4.074	9,5	297.497,8	332.916,2	11,9

Legenda: (1) Produção de caroço de algodão; (2) Exclui a produção de algodão em pluma.

Fonte: Conab.

Nota: estimativa em maio/2025.

TABELA 2 - COMPARATIVO DE ÁREA, PRODUTIVIDADE E PRODUÇÃO POR UF

Brasil	Comparativo de área, produtividade e produção de grãos - produtos selecionados*						Safras 2023/24 e 2024/25		
Região/UF	Área (Em mil ha)			Produtividade (Em kg/ha)			Produção (Em mil t)		
	Safra 23/24	Safra 24/25	VAR. %	Safra 23/24	Safra 24/25	VAR. %	Safra 23/24	Safra 24/25	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	5.379,7	5.918,7	10,0	3.503	3.762	7,4	18.842,9	22.266,7	18,2
RR	142,6	143,0	0,3	3.506	3.690	5,2	499,9	527,6	5,5
RO	1.028,3	1.230,5	19,7	4.039	4.367	8,1	4.153,4	5.373,5	29,4
AC	65,3	68,7	5,2	2.977	3.032	1,8	194,4	208,3	7,2
AM	34,2	28,6	(16,4)	3.012	3.024	0,4	103,0	86,5	(16,0)
AP	11,6	14,3	23,3	2.078	2.119	2,0	24,1	30,3	25,7
PA	1.895,9	2.041,8	7,7	3.258	3.231	(0,8)	6.175,9	6.597,5	6,8
TO	2.201,8	2.391,8	8,6	3.494	3.948	13,0	7.692,2	9.443,0	22,8
NORDESTE	9.653,4	10.059,1	4,2	2.895	2.996	3,5	27.951,4	30.141,0	7,8
MA	2.061,8	2.198,8	6,6	3.634	3.777	3,9	7.492,8	8.304,5	10,8
PI	1.854,5	1.935,8	4,4	3.121	3.102	(0,6)	5.787,5	6.004,3	3,7
CE	969,5	933,1	(3,8)	606	781	28,8	588,0	729,1	24,0
RN	118,5	108,9	(8,1)	336	458	36,4	39,8	49,9	25,4
PB	225,4	225,0	(0,2)	463	532	14,9	104,4	119,7	14,7
PE	368,6	379,1	2,8	955	948	(0,7)	352,1	359,5	2,1
AL	83,1	90,3	8,7	2.154	2.229	3,5	179,0	201,3	12,5
SE	191,5	192,2	0,4	5.107	5.126	0,4	978,0	985,3	0,7
BA	3.780,5	3.995,9	5,7	3.288	3.350	1,9	12.429,8	13.387,4	7,7
CENTRO-OESTE	35.635,2	36.428,4	2,2	4.056	4.515	11,3	144.553,5	164.479,1	13,8
MT	21.678,1	22.148,9	2,2	4.299	4.634	7,8	93.196,6	102.645,2	10,1
MS	6.502,6	6.662,3	2,5	3.121	3.941	26,3	20.291,9	26.255,3	29,4
GO	7.275,2	7.433,6	2,2	4.160	4.671	12,3	30.266,8	34.719,8	14,7
DF	179,3	183,6	2,4	4.452	4.678	5,1	798,2	858,8	7,6
SUDESTE	6.916,2	6.958,9	0,6	3.627	4.224	16,5	25.081,8	29.393,3	17,2
MG	4.260,5	4.269,2	0,2	3.774	4.175	10,6	16.081,1	17.824,9	10,8
ES	25,6	25,9	1,2	2.676	2.660	(0,6)	68,5	68,9	0,6
RJ	2,7	2,8	3,7	3.333	3.429	2,9	9,0	9,6	6,7
SP	2.627,4	2.661,0	1,3	3.396	4.318	27,1	8.923,2	11.489,9	28,8
SUL	22.354,7	22.360,2	-	3.626	3.875	6,8	81.068,2	86.636,1	6,9
PR	10.516,2	10.462,7	(0,5)	3.537	4.306	21,7	37.200,6	45.047,6	21,1
SC	1.424,5	1.445,9	1,5	4.948	5.565	12,5	7.048,8	8.046,6	14,2
RS	10.414,0	10.451,6	0,4	3.536	3.209	(9,2)	36.818,8	33.541,9	(8,9)
NORTE/NORDESTE	15.033,1	15.977,8	6,3	3.113	3.280	5,4	46.794,3	52.407,7	12,0
CENTRO-SUL	64.906,1	65.747,5	1,3	3.863	4.266	10,5	250.703,5	280.508,5	11,9
BRASIL	79.939,2	81.725,3	2,2	3.722	4.074	9,5	297.497,8	332.916,2	11,9

Legenda: (*) Produtos selecionados: Carvão de algodão, amendoim (1ª e 2ª safras), arroz, aveia, canola, centeio, cevada, feijão (1ª, 2ª e 3ª safras), gergelim, girassol, mamona, milho (1ª, 2ª e 3ª safras), soja, sorgo, trigo e triticale.

Fonte: Conab.

Nota: estimativa em maio/2025.



INTRODUÇÃO

Apresentamos o oitavo levantamento da safra 2024/25, com estimativa de recorde na produção de grãos. As lavouras de primeira safra encontram-se em finalização de colheita, enquanto as de segunda safra iniciaram, como o feijão, e deve ganhar força neste mês. Assim, vai se confirmando as previsões iniciais de uma boa produção.

Soja e milho, principais grãos produzidos no país devem apresentar uma boa produção, com estimativa recorde para a oleaginosa. Arroz e feijão, base da alimentação brasileira, apontam para uma produção superior à da safra passada, reflexo do esforço dos produtores, das condições climáticas, de mercado e políticas governamentais para expansão da produção desses alimentos.

Agradecemos o papel essencial dos colaboradores da Conab em todas as Unidades da Federação pelo levantamento das informações que fundamentam este boletim. Também destacamos a valiosa contribuição de diversas entidades, tanto públicas quanto privadas, ao fornecer dados indispensáveis para a estimativa da safra brasileira de grãos.

As estimativas da produção refletem a expectativa de produção no mês anterior à publicação do boletim, levando em consideração as condições

climáticas esperadas até o final do cultivo. No entanto, sempre há a possibilidade de alteração nos números em caso de condições climáticas adversas ou excepcionalmente favoráveis.

Como parte da metodologia, os dados de produtividade, por cultura e por Unidade da Federação, são inicialmente estimados com o auxílio de modelos estatísticos em relação ao histórico de produtividades. Os modelos permitem segurança nas previsões, levando em consideração os cenários favoráveis e desfavoráveis às culturas. Os dados gerados são analisados para todas as culturas em todos os estados, considerando as informações climáticas e os pacotes tecnológicos modais de cada estado, também levantados pela Conab.

Ao todo, são analisados mais de 540 dados de área e produtividade. Para as culturas que já avançam no seu ciclo e possuem informações mais consolidadas de campo, iniciam-se as revisões dos números iniciais, e os dados são ponderados de acordo com as condições apresentadas em cada região dos estados.

As análises são feitas a partir das condições meteorológicas, sobretudo chuva e temperatura, observadas ao longo do ciclo da cultura, por meio de interpretações de análises de satélite, principalmente a análise evolutiva e comparativa do Índice de Vegetação por Diferença Normalizada (NDVI) e mediante investigações de campo, tanto subjetivas, contando com a colaboração da nossa rede de agentes colaboradores, por meio da aplicação de questionários, mensalmente, e coletadas mais de 4.000 informações em todo o Brasil, quanto objetivas, com investigação direta nas lavouras dos fatores de produtividade, além do auxílio de mapeamento das áreas.

Mensalmente, os dados de área, produtividade e produção, são atualizados. A estimativa da produção leva em consideração as condições climáticas

pontuais, observadas no período de levantamento, assim como os prognósticos para até o final do cultivo.

Nas análises estaduais, são destacados os eventos mais relevantes ocorridos, como início de semeadura, eventos climáticos severos e situação de manejo ou inserção de novas culturas no estado.

A Conab realiza o levantamento da safra brasileira de grãos desde a temporada 1976/77. A constante busca pela qualificação dos dados é exemplificada pela sofisticação dos métodos utilizados pela Conab, para a obtenção dos dados da safra, sobretudo os ligados ao georreferenciamento e à modelagem estatística, incrementando as informações obtidas subjetivamente, que trazem tempestividade aos dados.

As informações deste boletim devem ser correlacionadas aos dados numéricos publicados em nossa [planilha de safra](#). Recomendamos a leitura do [Boletim de Monitoramento Agrícola](#) e do [Progresso de Safra](#) para acompanhamento sistemático da safra brasileira de grãos.

Boa leitura!



ANÁLISE CLIMÁTICA¹

ANÁLISE CLIMÁTICA DE ABRIL

Em abril de 2025, os maiores acumulados de chuva ocorreram em grande parte da Região Norte, norte da Região Nordeste, oeste da Região Centro-Oeste e leste da Região Sudeste, com volumes que ultrapassaram 150 mm, contribuindo para a manutenção da umidade do solo nessas áreas. Já no interior da Região Nordeste até o Sul do país, menores acumulados de chuvas foram observados, reduzindo os níveis de umidade do solo.

Em grande parte da Região Norte, os volumes de chuva foram superiores a 200 mm, exceto em áreas pontuais do sudeste de Rondônia, sudeste do Pará, bem como em Tocantins, onde os volumes foram menores e inferiores a 150 mm. No geral, as condições de umidade do solo foram favoráveis e beneficiaram os cultivos em campo.

Na Região Nordeste, diversas áreas do interior tiveram acumulados de chuva abaixo de 90 mm, reduzindo os níveis de umidade do solo, principalmente na parte centro-norte da Bahia, Alagoas, oeste de Pernambuco e leste da Paraíba. Volumes mais significativos ocorreram no norte do Maranhão e do Piauí. Nestas áreas, o armazenamento hídrico foi satisfatório.

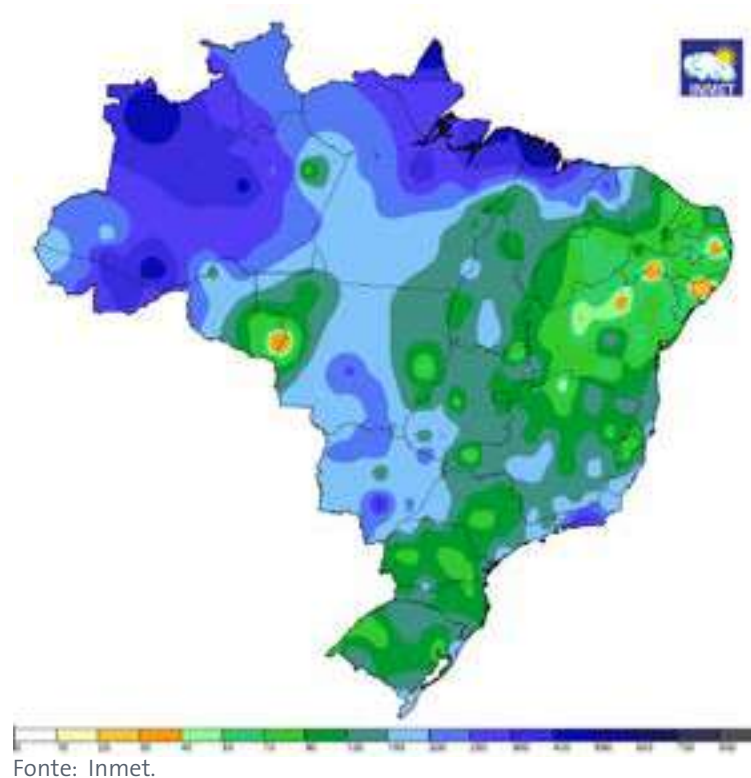
Na Região Centro-Oeste, os volumes de chuva acima de 150 mm foram observados em grande parte do Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, além do sul de Goiás. No restante da região, os volumes de chuvas variaram entre 40 mm e 120 mm. No geral, as condições foram favoráveis para o manejo e o desenvolvimento do algodão e do milho segunda safra, com umidade no solo suficiente na maioria das áreas.

Na Região Sudeste, foram observados acumulados de chuva abaixo de 150 mm, exceto no Rio de Janeiro, onde as chuvas ultrapassaram os 250 mm. No meio norte de Minas Gerais e parte central de São Paulo, os volumes foram inferiores a 90 mm. Dessa forma, os níveis de umidade foram favoráveis para o desenvolvimento dos cultivos de segunda safra, na maioria das áreas, assim como para a maturação e a colheita da cana-de-açúcar e do café.

Em grande parte da Região Sul, os volumes de chuva foram superiores a 60 mm, e os níveis de umidade foram suficientes para o desenvolvimento do feijão e do milho segunda safras.

Em abril, as temperaturas máximas foram acima da média no interior da Região Nordeste, sul do Pará e norte de Tocantins, com valores acima de 34 °C. Quanto às temperaturas mínimas, os valores ficaram acima de 20 °C na maior parte do país, principalmente no norte das Regiões Norte e Nordeste, onde os valores ultrapassaram os 24 °C. Já em grande parte da Região Sul e áreas serranas da Região Sudeste, as temperaturas foram inferiores a 18 °C.

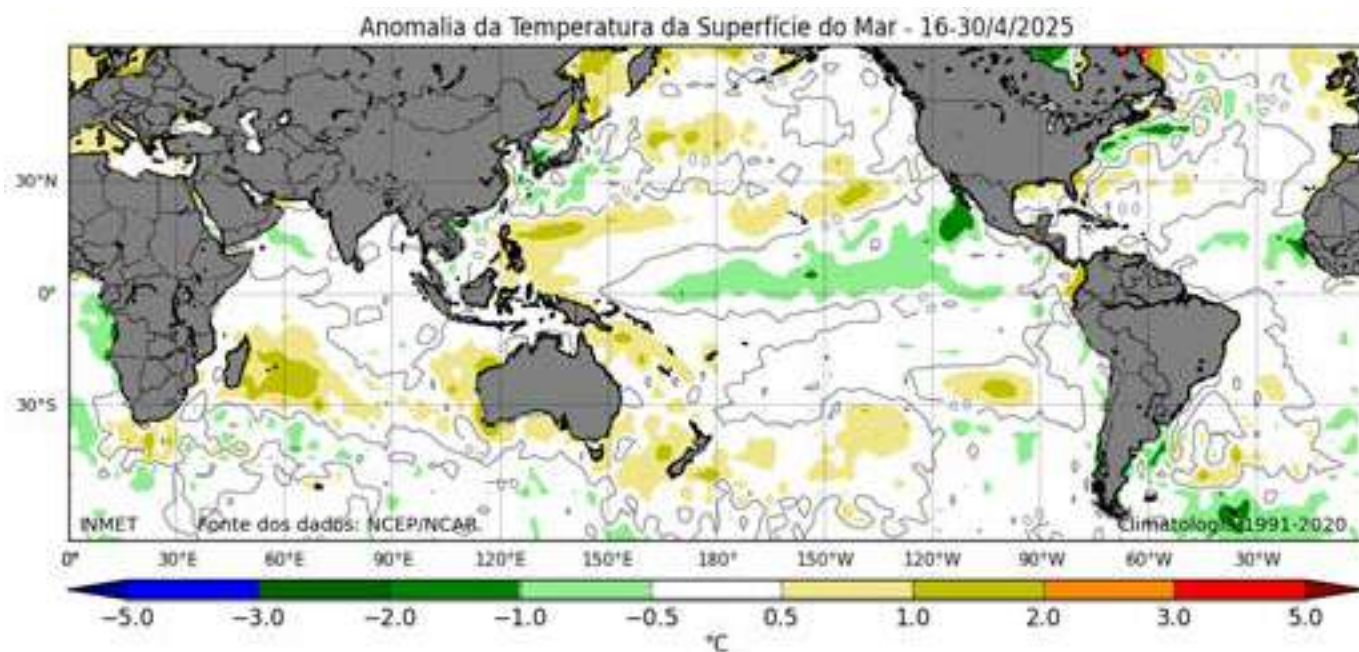
FIGURA 1 - ACUMULADO DA PRECIPITAÇÃO PLUVIOMÉTRICA EM ABRIL DE 2025



1.2. CONDIÇÕES OCEÂNICAS RECENTES E TENDÊNCIA

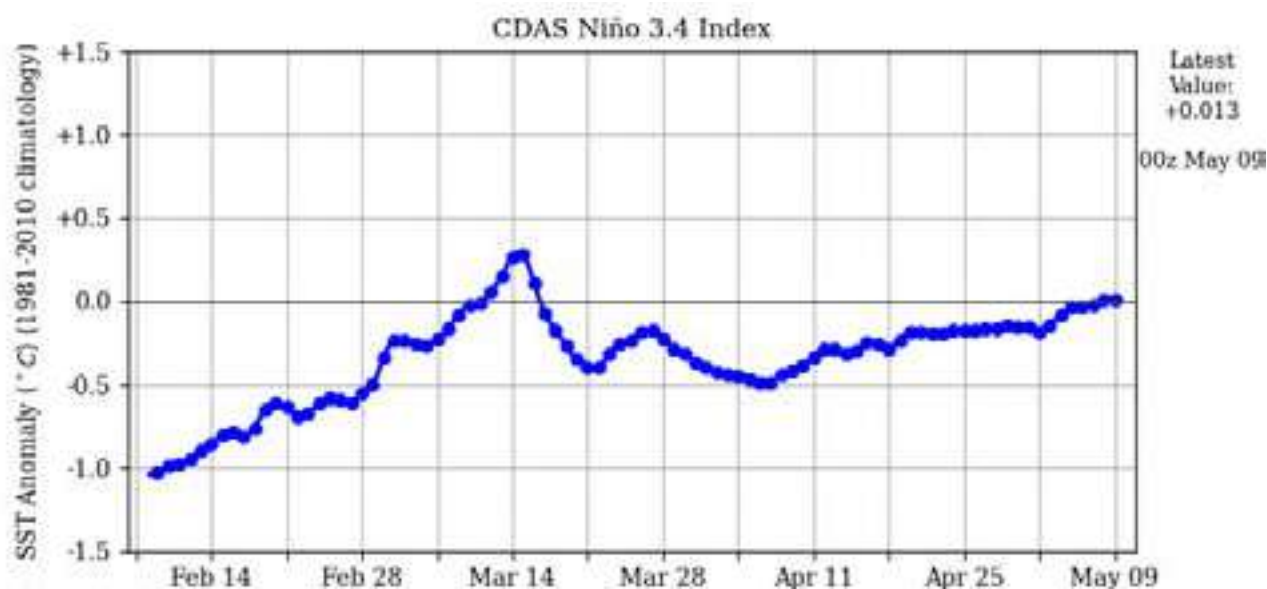
Na Na figura abaixo é mostrada a anomalia de Temperatura da Superfície do Mar (TSM) entre os dias 16 e 30 de abril de 2025. Neste período, foram observados valores entre -1°C e 0°C na faixa longitudinal entre 110°W e 140°E , indicando a presença de águas ligeiramente mais frias que o normal na porção central e oeste do Pacífico Equatorial. No entanto, analisando as anomalias médias diárias de TSM somente na região do Niño 3.4 (delimitada entre 170°W e 120°W) durante abril de 2025, observou-se uma elevação dos valores de anomalias, de $-0,5^{\circ}\text{C}$ até $0,013^{\circ}\text{C}$. Esse padrão indica o enfraquecimento do fenômeno La Niña e sinaliza o início de condições de neutralidade no Pacífico Equatorial.

FIGURA 2 – MAPA DE ANOMALIAS DE TSM NO PERÍODO DE 16 A 30 DE ABRIL DE 2025



Fonte: NCEP/NCAR.

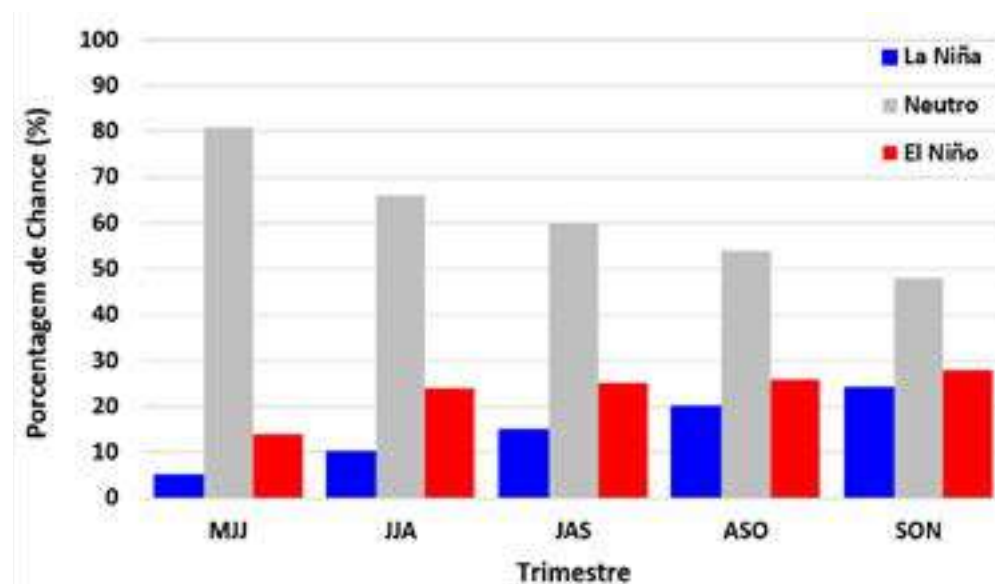
GRÁFICO 1 – MONITORAMENTO DO ÍNDICE DIÁRIO DE EL NIÑO/LA NIÑA NA REGIÃO 3.4



Fonte: <https://www.tropicaltidbits.com/analysis/>.

A análise do modelo de previsão do ENOS (El Niño - Oscilação Sul), realizada pelo Instituto Internacional de Pesquisa em Clima (IRI), aponta para permanência das condições de Neutralidade durante o trimestre maio, junho e julho, com probabilidade de 80%.

GRÁFICO 2 – PREVISÃO PROBABILÍSTICA DO IRI PARA OCORRÊNCIA DE EL NIÑO OU LA NIÑA



Fonte: IRI - <https://iri.columbia.edu/our-expertise/climate/forecasts/enso/current/>.

PROGNÓSTICO CLIMÁTICO PARA O BRASIL – PERÍODO MAIO, JUNHO E JULHO DE 2025

As previsões climáticas para os próximos três meses, segundo o modelo do Inmet, são mostradas na figura abaixo. O modelo indica chuvas próximas e acima da média na parte central da Região Norte, costa leste do Nordeste e Região Sul, favorecendo a disponibilidade hídrica nestas áreas. Chuvas abaixo da média deverão ocorrer com maior probabilidade em grande parte das Regiões Centro-Oeste e Sudeste.

Analisando separadamente cada região do país, a previsão indica chuvas na parte central e noroeste da Região Norte e redução das chuvas no sul, especialmente em áreas do Acre, Rondônia e Tocantins. Embora o armazenamento de água no solo ainda se mantenha elevado na porção norte da região, em virtude das chuvas dos últimos meses, a parte sul apresenta uma possibilidade de redução nos níveis de umidade do solo nos próximos meses.

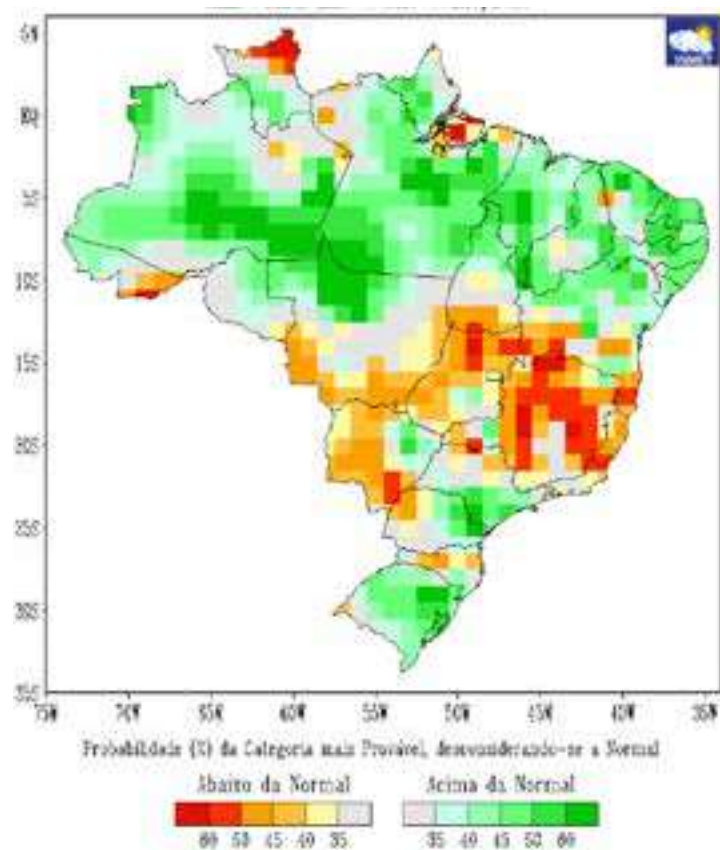
Na Região Nordeste, a previsão é de chuvas acima da média no centro-norte da região. Nas demais áreas, a previsão é de distribuição irregular de chuvas, com volumes abaixo da média no centro-sul da Bahia. Nos próximos meses, há possibilidade de redução dos níveis de umidade no interior da região.

Para as Regiões Centro-Oeste e Sudeste, o modelo do Inmet indica chuvas próximas e abaixo da média, exceto em áreas do noroeste do Mato Grosso, leste do Mato Grosso do Sul e centro-leste de São Paulo, onde são previstas chuvas ligeiramente acima da média. Dessa forma, existe uma tendência de redução das chuvas ao longo do trimestre e, conseqüentemente, uma diminuição dos níveis de umidade do solo.

Na Região Sul, são previstas chuvas acima da média no Rio Grande do Sul, sudeste de Santa Catarina e centro-leste do Paraná, que irão manter os níveis de umidade do solo elevados nos próximos meses. Nas demais áreas, as chuvas poderão permanecer próximas e abaixo da média histórica.

Em relação à temperatura média do ar, a previsão aponta para valores acima da média climatológica no centro-norte do país. Nas Regiões Norte e Nordeste, as temperaturas podem superar os 25 °C. Já nas regiões Sul e Sudeste, as temperaturas podem ser mais amenas, com valores menores que 20 °C. No entanto, em áreas serranas, as temperaturas poderão ser inferiores a 15 °C, devido à passagem de massas de ar frio.

FIGURA 3 – PREVISÃO PROBABILÍSTICA DE PRECIPITAÇÃO PARA O TRIMESTRE MAIO, JUNHO E JULHO DE 2025



Fonte: Inmet.

Mais detalhes sobre prognóstico e monitoramento climático podem ser vistos na opção CLIMA do menu principal do site do Inmet (<https://portal.inmet.gov.br>).

ANÁLISE DAS CULTURAS



ALGODÃO

ÁREA

2.083,6 mil ha

+7,2%

PRODUTIVIDADE

1.874 kg/ha

-1,6%

PRODUÇÃO

3.904,8 mil t

+5,5%

Comparativo com safra anterior.

Algodão em pluma.

Fonte: Conab.

TABELA 3 - EVOLUÇÃO DA SÉRIE HISTÓRICA - ALGODÃO EM PLUMA

SAFRA		ÁREA (em mil ha)	PRODUTIVIDADE (kg/ha)	PRODUÇÃO (em mil t)
2018/19		1.618,2	1.717	2.778,8
2019/20		1.665,6	1.802	3.001,6
2020/21		1.370,6	1.721	2.359,0
2021/22		1.600,4	1.596	2.554,1
2022/23		1.663,7	1.905	3.169,9
2023/24		1.944,2	1.904	3.701,4
2024/25	Abr./24	2.079,3	1.871	3.890,8
	Mai./24	2.083,6	1.874	3.904,8

Fonte: Conab.

Neste levantamento, a produção estimada de algodão em pluma, para a safra 2024/25, é de 3,9 milhões de toneladas, seguindo a tendência de alta dos últimos levantamentos e confirmando-se como recorde na série histórica.

ANÁLISE ESTADUAL

Mato Grosso: o volume de chuvas, associado à temperatura amena durante à noite e o dia, foram favoráveis para o desenvolvimento vegetativo e reprodutivo da cultura de primeira e segunda safras. À vista disso, as lavouras têm apresentado bom vigor, o que reforça as expectativas de um bom rendimento de pluma. Para as lavouras semeadas fora do período de janela, será necessário que ocorram chuvas, mesmo que de baixo volume, para completar a fase de formação de maçãs.

Destaca-se o crescimento da área plantada, dada a boa rentabilidade da cultura, sua estabilidade em termos de mercado, assim como o prazo mais longo de retorno ao investimento. O manejo nas lavouras foi concentrado no controle das pragas como o bicudo, lagartas *spodoptera*, mosca-branca, pulgões e ácaros.



Foto 1 - Algodão - Floração - Vera-MT

Bahia: com as lavouras em fase de desenvolvimento vegetativo, floração e formação de maçã, a regularidade hídrica e o manejo cultural têm garantido ótima qualidade, havendo tendência de alta na produtividade.

A estimativa de aumento de área em relação à safra passada deve-se aos bons resultados alcançados naquela safra. Também houve aumento de área em relação ao último levantamento em virtude de atualização dos dados.

O aporte hídrico favoreceu as lavouras de algodão e melhorou as condições de umidade do solo, não havendo perdas por falta de umidade, no entanto há veranicos de até três semanas em algumas localidades.

Minas Gerais: as lavouras de sequeiro foram afetadas pelo veranico que ocorreu entre fevereiro e meados de março. Assim, as lavouras, em geral, apresentam-se com um porte menor e com as maçãs do terço mediano comprometidas, sendo observado abortamento e menor volume.

Com o retorno das chuvas, na segunda quinzena de março, houve recuperação das lavouras e uma boa formação para as maçãs do terço superior, afastando o receio dos produtores de prejuízos ainda maiores.

A parcela de lavouras irrigadas estão em boas condições e já estão finalizando a fase de florescimento.

Mato Grosso do Sul: na região norte do estado, as precipitações permaneceram concentradas nos municípios produtores, em vista disso, devido à alta umidade e baixa incidência solar, os cotonicultores seguem realizando o manejo e monitoramento de doenças causadas por fungos.

Na região sul, destaca-se o início da maturação e aplicação de desfolhantes nos cultivos localizados em Aral Moreira e Maracaju. Até o momento, as

lavouras enfrentaram fatores associados às irregularidades climáticas, e cotonicultores já estão prevendo algumas perdas irreversíveis nas lavouras.

Por outro lado, são observadas boas condições hídricas e porte desejável de plantas nas regiões norte e nordeste. Os talhões localizados no município de Campo Grande estão em abertura de capulhos. Em Chapadão do Sul e Costa Rica, as lavouras semeadas em dezembro encontram-se em pleno enchimento das maçãs.

Maranhão: o cenário dos sistemas de produção das lavouras tem evidenciado que a condução desses cultivos extensivos, com cerca de 120 dias após a emergência, aproxima-se da fase de maturação, com abertura dos capulhos. Essas lavouras apresentam um estande bastante representativo, com bom desenvolvimento e com plantas de porte considerável e vigorosas.

Relativamente às lavouras de algodão herbáceo segunda safra, esses cultivos seguem na fase reprodutiva, com aproximadamente 90 dias após a emergência. O algodoeiro encontra-se predominantemente nos estádios de florescimento e início de frutificação, o que exige especial atenção dessas lavouras.

O foco principal será no manejo do enchimento das maçãs e na manutenção do controle fitossanitário, o que deve assegurar o potencial produtivo e a qualidade da fibra. A expectativa, confirmando-se esse cenário, é de uma estação com viabilidade técnica do sistema produtivo, bem conduzida e com rendimentos médios positivos no final do ciclo.

Piauí: a previsão climática inicial que apontava para a ocorrência do fenômeno La Niña durante a safra de verão se confirmou e tem favorecido o bom desenvolvimento da maioria das lavouras. Conforme previsto na safra

passada, confirma-se a estimativa de aumento de área, situação que deve continuar se observando nas próximas safras.

A cultura encontra-se em formação de maçãs e parte já em abertura de capulho, apresentando boas condições, em sua grande maioria, apenas áreas de Uruçuí, que passaram por um veranico durante fevereiro, devem reduzir a produtividade.

Nesta safra há a confirmação de ampliação de uma área significativa de lavoura irrigada, o que deve confirmar produtividades bem elevadas.

Goiás: é confirmada a redução da área de plantio no estado, especialmente na região oeste (Vale do Araguaia), em virtude da desistência de arrendamento em algumas áreas. A produtividade média esperada no estado ajustada foi superior à média estadual.

A maior parte das lavouras está em plena fase reprodutiva, abrangendo os estádios de floração, formação de maçãs e abertura de plumas nas partes mais baixas em algumas áreas. A distribuição estadual é de 24% em floração, de 75% formando maçãs e 1% em abertura de plumas. As últimas áreas de lavouras irrigadas foram semeadas no início do mês e estão todas em fase de desenvolvimento vegetativo.

Mesmo com o regime de chuvas irregulares, as áreas na maior parte do estado contribuem para a fase reprodutiva. A água ainda presente no sistema é suficiente para o desenvolvimento ideal da cultura, principalmente àquelas áreas que estão em fase de enchimento de maçãs.

Rondônia: a ocorrência de chuvas regulares nas áreas destinadas ao cultivo do algodão vem contribuindo para um bom desenvolvimento vegetativo da cultura e certamente proporcionará uma boa produção. No entanto, a

proximidade da época de estiagem preocupa quanto ao impacto sobre a produtividade, pois não pode faltar água durante a formação dos capulhos para garantir a qualidade das fibras produzidas.

Há a expectativa otimista de maior produtividade. As áreas da cultura se mostram com 83% em fase final de desenvolvimento vegetativo e iniciando floração e 17% já iniciando a formação de capulhos.

Tocantins: as menores precipitações foram registradas no primeiro decêndio do mês, com acumulado de 20 mm a 30 mm. As lavouras estão em boas condições de sanidade, as aplicações com defensivos são em intervalos semanais durante a fase reprodutiva. Houve o ataque de pragas e doenças, mas o controle foi efetuado com defensivos específicos a tempo e não acarretando dano econômico.

Em relação às pragas, o pulgão e o tripses tiveram incidência na fase inicial, e durante o desenvolvimento da cultura até os 60 dias com infestação por lagartas, pulgão e mosca-branca. Dos 60 aos 90 dias, as aplicações são para o controle de lagartas, mosca-branca e o bicudo. Dentre as doenças, as mais comuns são a mancha-alvo e a ramulária, que foram controladas com defensivos.

O algodão primeira safra está em estágio de formação de capulho e o safrinha em estágio de floração e formação de maçãs.

São Paulo: o algodão começa a dar sinais de entrada de safra, principalmente na região de Holambra, mas a velocidade maior da colheita acontece entre a segunda quinzena de maio e a primeira de junho. O algodão em Martinópolis também começa a entrar, porém mais vagarosamente.

Paraná: durante o presente mês, as condições climáticas na região de produção foram de precipitações irregulares, tanto na distribuição espacial como na distribuição temporal, com um certo alívio nas temperaturas.

As colheitas foram iniciadas, totalizando, até o momento, 20% da área. As demais fases são formação de maçãs 35% e maturação 45%. As condições das lavouras permanecem 90% boas e 10% regulares.

A cultura teve a área revisada. Uma melhoria no processo foi a capacidade de processar o algodão localmente, visto que antes era levado para São Paulo.

Rio Grande do Norte: a cultura apresenta uma perspectiva de crescimento de área para a safra atual. A área destinada ao cultivo do algodão deverá aumentar consideravelmente, passando de 730 hectares, na safra 2023/24, para 976 hectares, na safra atual. Esse crescimento reflete a confiança dos produtores no mercado e o retorno econômico da cultura, especialmente devido à demanda interna e internacional por fibras de algodão.

Em termos de produção, a expectativa é de um aumento de 21,4%, com uma produção de algodão em caroço estimada de 1,7 mil toneladas.

Pará: o clima se mantém estável, com bons índices pluviométricos nos estádios fenológicos por quais a lavoura já passou. Assim, as condições da lavoura se mantêm vigorosas e no estágio fenológico de floração.

Paraíba: as intempéries climáticas, principalmente um intenso veranico entre o final de fevereiro e início de março, comprometeram a cultura pós-plantio, o que deve influenciar a decisão do produtor na manutenção da cultura ou em seu replantio.

QUADRO 1 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS E DE TEMPERATURA E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS

Legenda – Condição hídrica													
	Favorável		Baixa Restrição - Falta de Chuva		Baixa Restrição - Excesso de Chuva		Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas						
			Média Restrição - Falta de Chuva		Média Restrição - Excesso de Chuva		Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas						
			Alta Restrição - Falta de Chuva		Alta Restrição - Excesso de Chuva		Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas						

UF	Mesorregiões	Produção* %	Algodão - Safra 2024/2025										
			NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET
RO	Leste Rondoniense	0,64			S/E	E/DV	DV/F	F/FM	FM/M	FM/M	M/C	C	
TO	Oriental do Tocantins	0,33		S/E/DV	DV	DV/F/FM	F/FM	F/FM/M	M	M/C	C	C	
MA	Sul Maranhense - 1ª Safra	1,51		S/E/DV	E/DV	DV/F	F/FM	FM	M	M/C	C	C	
	Sul Maranhense - 2ª Safra				S/E/DV	DV/F	F	FM	FM/M	M/C	M/C	C	
PI	Sudoeste Piauiense	0,97		S/E	E/DV	DV/F	DV/F/FM	FM/M	FM/M	M/C	M/C	C	C
BA	Extremo Oeste Baiano	19,07	S/E	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/FM	DV/F/FM	F/FM/M	FM/M	FM/M/C	FM/M/C	M/C	C
MT	Norte Mato-grossense - 1ª Safra	51,21		S/E/DV	DV	DV/F/FM	F/FM	FM/M	M	M/C	C	C	
	Norte Mato-grossense - 2ª Safra				S/E/DV	E/DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C
	Nordeste Mato-grossense - 1ª Safra	6,45		S/E/DV	DV	DV/F/FM	F/FM	FM/M	M	M/C	C	C	
	Nordeste Mato-grossense - 2ª Safra				S/E/DV	E/DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C
	Sudoeste Mato-grossense - 1ª Safra	0,86		S/E/DV	DV	DV/F/FM	F/FM	FM/M	M	M/C	C	C	
	Sudoeste Mato-grossense - 2ª Safra				S/E/DV	E/DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C
	Centro-Sul Mato-grossense - 1ª Safra	0,85		S/E/DV	DV	DV/F/FM	F/FM	FM/M	M	M/C	C	C	
	Centro-Sul Mato-grossense - 2ª Safra				S/E/DV	E/DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C
	Sudeste Mato-grossense - 1ª Safra	12,13		S/E/DV	DV	DV/F/FM	F/FM	FM/M	M	M/C	C	C	
	Sudeste Mato-grossense - 2ª Safra				S/E/DV	E/DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C
MS	Leste de Mato Grosso do Sul - 1ª Safra	1,64	S/E	S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C	
	Leste de Mato Grosso do Sul - 2ª Safra				S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	
GO	Leste Goiano - 1ª Safra	0,39		S/E/DV	E/DV/F	DV/F/FM	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C	
	Leste Goiano - 2ª Safra				S/E/DV	E/DV	DV/F	F/FM	F/FM	FM/M	M/C	C	C
	Sul Goiano - 1ª Safra	0,95		S/E/DV	E/DV/F	DV/F/FM	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C	
	Sul Goiano - 2ª Safra				S/E/DV	E/DV	DV/F	F/FM	F/FM	FM/M	M/C	C	C
MG	Noroeste de Minas - 1ª Safra	0,67		S/E/DV	DV	DV/F/FM	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C	
	Noroeste de Minas - 2ª Safra				S/E/DV	E/DV	DV/F	F/FM	F/FM	FM/M	M/C	C	C
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba - 1ª Safra	0,65		S/E/DV	DV	DV/F/FM	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C	
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba - 2ª Safra				S/E/DV	E/DV	DV/F	F/FM	F/FM	FM/M	M/C	C	C

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FM)=formação de maçãs; (M)=maturação; (C)=colheita.

Fonte: Conab. *IBGE (PAM 2023) / Conab.

OFERTA E DEMANDA

De acordo com o levantamento de campo, realizado pela Conab, a safra brasileira de algodão 2024/25 apresenta bom desenvolvimento. Mais de 81% da área plantada se encontra em estágio de formação de maçãs e, de forma geral, as lavouras estão em boas condições. A área total destinada à cultura deve atingir 2,1 milhões de hectares, com uma produtividade média estimada em 1,9 t/ha. Diante desse cenário, este levantamento projeta que a safra 2024/25 deverá alcançar 3,9 milhões de toneladas.

As medidas tarifárias adotadas pelo governo dos Estados Unidos sob a gestão do presidente Trump têm gerado instabilidade e incertezas no mercado internacional de algodão, especialmente em relação aos embates comerciais entre Estados Unidos e China. Esse contexto pode afetar o fluxo de comercialização, embora também possa abrir algumas oportunidades para o setor algodoeiro brasileiro. Assim, diante desse cenário, há a expectativa que as exportações brasileiras de algodão cresçam 7,8% nesta safra, totalizando 2,99 milhões de toneladas.

O setor têxtil e de confecções nacional projeta crescimento em 2025, impulsionado, em parte, pela exportação de produtos manufaturados, especialmente para o mercado sul-americano. No entanto, fatores como taxas de juros elevadas e o cenário político internacional podem impactar negativamente os investimentos e as exportações. Sobre o consumo interno de algodão em pluma, a expectativa é de 770 mil toneladas na safra 2024/25, representando um crescimento de 2,7% em relação à safra 2023/24.

Mesmo com o aumento no consumo interno e nas exportações, em virtude da safra recorde, o estoque final, atualmente em 2,4 milhões de toneladas, deverá crescer 6,25%, atingindo 2,55 milhões de toneladas.

TABELA 4 - BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA - ALGODÃO EM PLUMA - EM MIL T

SAFRA		ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE FINAL
2018/19		980,5	2.778,8	1,7	3.761,0	720,0	1.613,7	1.427,3
2019/20		1.427,3	3.001,6	2,2	4.431,1	690,0	2.125,4	1.615,7
2020/21		1.615,7	2.359,0	4,6	3.979,3	720,0	2.016,6	1.242,7
2021/22		1.242,7	2.554,1	2,3	3.799,1	675,0	1.803,7	1.320,4
2022/23		1.320,4	3.173,3	1,7	4.495,4	710,0	1.618,2	2.167,2
2023/24		2.167,2	3.701,3	1,1	5.869,6	695,0	2.774,3	2.400,3
2024/25	abr/25	2.400,5	3.890,8	1,0	6.292,3	770,0	2.970,0	2.552,3
	mai/25	2.400,3	3.904,8	1,0	6.306,1	770,0	2.990,0	2.546,1

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em maio/2025.

Estoque de passagem - 31 de dezembro.

Para mais informações sobre o progresso da safra de algodão, [clique aqui](#).



ARROZ

ÁREA

1.716,9 mil ha

+6,9%

PRODUTIVIDADE

7.071 kg/ha

+7,4%

PRODUÇÃO

12.140,3 mil t

+14,8%

Comparativo com safra anterior.

Fonte: Conab.

TABELA 5 - EVOLUÇÃO DA SÉRIE HISTÓRICA - ARROZ

SAFRA		ÁREA (em mil ha)	PRODUTIVIDADE (kg/ha)	PRODUÇÃO (em mil t)
2017/18		1.972,1	6.118	12.064,2
2018/19		1.702,5	6.158	10.483,6
2019/20		1.665,8	6.713	11.183,4
2020/21		1.679,2	7.007	11.766,4
2021/22		1.617,3	6.666	10.780,5
2022/23		1.479,6	6.781	10.033,3
2023/24		1.607,8	6.584	10.585,5
2024/25	Abr./25	1.720,3	7.061	12.146,7
	Mai./25	1.716,9	7.071	12.140,3

Fonte: Conab.

ANÁLISE DA CULTURA

A colheita da safra 2024/25 avança nas principais áreas produtoras do país. Há o destaque para as áreas em que a colheita segue conforme a maturação dos grãos na lavoura, quase finalizando a operação, como no Rio Grande do Sul, Paraná, Mato Grosso do Sul e Rondônia, inclusive com áreas já com a colheita finalizada como em Santa Catarina e São Paulo.

O clima apresentou chuvas mais esparsas intercaladas com períodos de sol intenso que favorecem a evolução vegetativa das lavouras, apesar de

ocorrerem também grande amplitude térmica nas áreas de plantio e em algumas regiões ainda ocorrerem chuvas com muita variação no volume e intensidade, apresentando até situações de alta nebulosidade. Em sua maioria, as lavouras estão em fase de enchimento de grãos ou maturação, seguida da realização da colheita, resultado de áreas semeadas mais cedo. A estimativa mostra um incremento de área, tanto no cultivo do arroz de sequeiro quanto sob irrigação, sendo a área de arroz irrigado estimada em 1.355,2 mil hectares, com aumento de 5,7% se comparada a safra anterior. Quanto ao arroz de sequeiro, há uma importante estimativa de incremento de área em 11,4% em relação à safra 2023/24, de 361,7 mil hectares.

ANÁLISE ESTADUAL

Rio Grande do Sul: no início de abril, as precipitações foram bem distribuídas em todas as regiões do estado, mas com volumes desuniformes e menores em relação ao ideal para a cultura, permanecendo um período seco entre a ocorrência de precipitações, até haver um longo período com dias de tempo seco.

As temperaturas mínimas ficaram acima de 5 °C em todas as regiões produtoras de arroz, enquanto que as temperaturas máximas apresentaram grande amplitude e ficaram entre 18 °C e 30 °C no estado. O clima seco favoreceu o avanço da colheita e a operação se encaminha para a conclusão, já alcançando mais de 90% da área total, especialmente na região Central houve atraso na operação devido às condições climáticas, como excesso de chuvas, tanto durante o desenvolvimento da cultura quanto na realização da operação. As lavouras não colhidas, em torno de 6%, estão em maturação e devem ser colhidas em breve. Durante o desenvolvimento das lavouras, com a redução das chuvas, a partir de janeiro, as áreas localizadas às margens de

rios precisaram ser irrigadas intermitentemente em razão da baixa vazão dos mananciais e tiveram o potencial produtivo reduzido.

As altas temperaturas, ocorridas principalmente na Fronteira Oeste e parte da região Central, foram prejudiciais, afetando principalmente variedades híbridas mais suscetíveis à quebra por amplitude térmica, mas a radiação solar incidente foi excelente, assim como a disponibilidade hídrica na maior parte das lavouras, elevando as produtividades à níveis considerados bons, preservando a qualidade dos grãos da maior parte das lavouras, apesar de haver relatos de áreas com lavouras que produziram grãos com menos de 56% de inteiros em razão das altas temperaturas ocorridas durante o enchimento de grãos. Contudo, diante das condições majoritariamente favoráveis para o desenvolvimento das plantas, formação dos grãos e colheita, a produtividade das lavouras é considerada boa.

Santa Catarina: a colheita do arroz foi finalizada no estado, as últimas lavouras a serem colhidas, na região Sul, foram áreas em que a semeadura foi mais escalonada e, conseqüentemente, a implantação da lavoura foi mais tardia. A qualidade do grão se manteve dentro dos padrões normais para a industrialização, resultado da estabilidade climática ocorrida ao longo do ciclo, principalmente no período de maturação, enquanto que a produtividade nas unidades amostrais se mostrou boa e com bons rendimentos, atribuindo-se esse bom desempenho a fatores como semeadura na janela ideal, volume de precipitações em quantidade satisfatória durante as fases de maior exigência das plantas, floração plena (sem perdas de produtividade por abortamento de flores), além de manejo e tratos culturais adequados, com investimentos, lavouras livres de plantas daninhas (competição) e boa sanidade das lavouras.

As altas temperaturas durante o final do ciclo favoreceram o aparecimento de algumas doenças fúngicas, como a brusone, mas sem significativa interferência no resultado final.

Tocantins: nas áreas de arroz irrigado, primeira safra, as lavouras tiveram bom rendimento, uma vez que as chuvas foram regulares, assegurando a recuperação dos níveis de mananciais e represas, o que facilitou a captação e disponibilidade de água para o manejo da cultura em campo. Quanto ao arroz irrigado de segunda safra, as lavouras estão em fase de floração e vegetação, sendo realizada os devidos tratos culturais como a adubação de plantio e cobertura, assim como o manejo para manter boas condições de sanidade das plantas. A produção é voltada para o mercado interno, com a oferta do produto em época de entressafra do cereal. Já nas áreas com arroz de sequeiro, a colheita foi finalizada.

Houve áreas com produtividades abaixo do esperado devido à ocorrência de veranicos durante a fase crítica da cultura (reprodutiva), assim como áreas afetadas com alto índice de plantas em competição, ocorrendo acamamento em talhões, devido à quantidade enorme de outras plantas em campo, impedindo a colheita.

Mato Grosso: para o arroz de sequeiro, primeira safra, as condições climáticas foram favoráveis à fase de maturação da cultura, porém o excesso de chuvas provocou transtornos nas operações de campo e na qualidade dos grãos. A colheita segue para sua finalização, e houve atraso devido ao alto volume de precipitações nas áreas produtoras, apesar do oportuno favorecimento na manutenção do desenvolvimento final do arroz, motivo que tem elevado o rendimento das lavouras para uma média superior ao registrado na safra anterior.

Nas áreas com arroz de sequeiro de segunda safra, o alto índice pluviométrico acumulado para a temporada tem sido benéfico para o arrozal, de acordo com a exigência da cultura. A colheita do grão do segundo ciclo tem dado prosseguimento, porém a qualidade e o rendimento das lavouras mantêm-se inferior ao plantio da primeira safra. A evolução reprodutiva tem sido satisfatória com boas expectativas na qualidade dos grãos a serem colhidos.

Maranhão: a safra das lavouras de arroz de terras altas encontra-se no estágio de maturação, e em algumas unidades produtivas com as operações de colheita já em andamento, avançando com cerca de 20% da área total, especialmente nas regiões do Médio Mearim, no centro, na Baixada Maranhense, no norte, bem como em municípios do sul do estado. Nas regiões do norte e leste do estado, as lavouras estão predominantemente nos estádios de enchimento de grãos e maturação plena, com colheita próxima de ser iniciada.

Piauí: o arroz irrigado, primeira safra, é irrigado por inundação ou cultivados em vazante, sem influência direta das irregularidades nas precipitações. O período de plantio da cultura no estado ocorre em maio. Já o arroz de sequeiro, nesta safra, houve atrasos na semeadura e necessidade de replantio em algumas áreas devido ao início tardio do período chuvoso principalmente na região Norte do estado e irregularidades das chuvas no sudeste.

As condições climáticas têm se apresentado favoráveis para a cultura em parte do estado, onde as lavouras se desenvolveram em boas condições no sudoeste e norte do estado, encontrando-se em enchimento de grãos e maturação, com algumas áreas já colhidas. No sudeste e parte do centro-norte a situação é crítica por falta de chuvas, havendo até lavouras que se encontravam em início de desenvolvimento vegetativo após o plantio, mas que foram todas perdidas. O aumento significativo de área que estava

previsto para esta safra ficou comprometido pela falta de chuvas, bem como a produtividade.



Foto 2 - Lavoura de arroz - Enchimento de grãos - Piracuruca-PI

Fonte: Conab.

Rondônia: as chuvas neste período provocaram algumas perdas devido ao acamamento das plantas nas lavouras, assim como dificultou o andamento da colheita. Atualmente, o volume de precipitações tem sido mais esparsado e em menor intensidade, possibilitando que as lavouras que ainda estão em campo com grãos maduros sejam definitivamente colhidas, havendo ainda áreas em fase final de maturação, enquanto 97,9% das áreas implantadas já foram devidamente colhidas.

Simultaneamente ocorre a implantação do cultivo do arroz com a segunda safra, inclusive há aumento de área nesta safra, com a área prevista já ocupando mais de 98% semeada, com 6% em fase de emergência, 71,5% em fase de desenvolvimento vegetativo e 22,5% já em floração.

Pará: nas áreas de arroz irrigado, o significativo volume de chuvas favoreceu o desenvolvimento das áreas de produção e até mesmo a

economia com água de irrigação, além do bom desempenho das lavouras pela boa condição ambiental e tecnológica disponível. Contudo, no estado predomina o cultivo de arroz de sequeiro, com o clima bem ajustado nesta safra, com precipitações regulares nas principais fases fenológicas tem bom desenvolvimento, apesar da ocorrência de lavouras em situação regular, dependendo do pacote tecnológico empregado.

Goiás: a colheita tem continuada tanto nas áreas irrigadas sob pivô quanto nas áreas de sequeiro. Foram relatados alguns problemas nas áreas de sequeiro devido à estiagem na fase de estabelecimento inicial da cultura, em que houve perdas de áreas em razão do déficit hídrico e devido ao raleamento no estande de plantas. Áreas semeadas durante fevereiro e início de março, sob pivôs centrais, encontram-se em fase de floração (formação de cachos) e estão em boas condições fisiológicas, até o momento, enquanto que as áreas de sequeiro estão em sua maioria em enchimento de grãos e maturação.

Paraná: para as áreas com arroz irrigado, as chuvas foram mais regulares, comparando ao período anterior em todas as regiões do oeste paranaense. A ocorrência de chuvas mais frequentes, associada às temperaturas mais baixas e menor evapotranspiração, proporcionaram uma melhora generalizada das lavouras. A cultura se encontra em sua maioria nas fases de frutificação e maturação, com mais de 80% das áreas já colhidas.

As condições das lavouras são consideradas boas, com algumas áreas em situação regular, uma vez que foram afetadas por altos volumes de chuvas à época do início da implantação da cultura nessas áreas. Nas áreas de arroz de sequeiro, as precipitações ocorreram de forma irregular, tanto na distribuição espacial como na distribuição temporal, que, aliadas a temperaturas mais elevadas, têm aumentado a evapotranspiração, o que

culmina, em alguns pontos, em menores níveis de água no solo, e assim, as condições das lavouras são consideradas, em sua maioria, como boas, mas com áreas regulares, até o momento, com mais de 95% já colhidas.

Minas Gerais: as lavouras de arroz de segunda safra do noroeste do estado se desenvolveram bem, cultivo irrigado, e já se encontram em fase de enchimento de grãos e iniciando a maturação. No Sul de Minas, as lavouras estão quase na conclusão da operação de colheita, com bons rendimentos, dentro da média esperada para a região. No triângulo mineiro e norte do estado, as lavouras já se encontram totalmente colhidas. Contudo, no norte do estado, as condições climáticas foram favoráveis, ao menos no início do ciclo da cultura, e garantiram uma manutenção da produção em relação à safra passada, enquanto que nas áreas da região do Triângulo Mineiro os produtores tiveram dificuldades no trato e manejo das lavouras, como, por exemplo, no controle de plantas daninhas.

Mato Grosso do Sul: a cultura se encontra em final de ciclo, com aproximadamente 90% da área colhida e os 10% restantes seguem em fase de maturação. As lavouras semeadas em janeiro, que ainda se encontram em produção, apresentaram elevação no índice de doenças fúngicas, condição favorecida pela menor disponibilidade de luminosidade devido ao encurtamento dos dias e permanência de tempo nublado, além disso, as chuvas constantes provocaram acamamento de plantas e, apesar da reduzida área com cultivos tardios, estima-se que haja influência no rendimento das lavouras.

Paraíba: aproximadamente 76% da área estimativa para plantio já foi semeada. A lavoura se encontra em condições regulares, com mais de 60% em fase de desenvolvimento vegetativo e 38,8% em floração, mantendo-se a expectativa de produtividade. Como tradição da região, utilizou-se semente crioula (arroz vermelho).

Amazonas: em condições de altos volumes de precipitação, a umidade relativa do ar permaneceu elevada, refletindo o clima quente e úmido típico da região amazônica nesta época do ano, com chuvas frequentes, que contribuem para o cultivo da cultura. De modo geral, os níveis de armazenamento hídrico do solo estão elevados, otimizando a semeadura nas áreas da região sul, enquanto que em outras regiões as lavouras já se encontram na fase de colheita.

Rio Grande do Norte: para a safra 2024/25, o arroz em casca apresenta uma tendência de redução, tanto na área plantada quanto na produção total, principalmente devido às condições de mercado e à maior competitividade de outras culturas mais rentáveis. A produtividade também poderá ser mais reduzida, consequência de menores condições de investimento e possíveis desafios no manejo da cultura.

QUADRO 2 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS E DE TEMPERATURA E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS

Legenda – Condição hídrica													
Favorável		Baixa Restrição - Falta de Chuva		Baixa Restrição - Excesso de Chuva		Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas							
		Média Restrição - Falta de Chuva		Média Restrição - Excesso de Chuva		Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas							
		Alta Restrição - Falta de Chuva		Alta Restrição - Excesso de Chuva		Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas							

UF	Mesorregiões	Produção* %	Arroz - Safra 2024/2025										
			AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN
RR**	Norte de Roraima	0,86				S/E	DV	DV/F	F/EG	M/C	C		
RO	Leste Rondoniense	0,76			S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M	M/C	C		
TO**	Ocidental do Tocantins	5,72			S/E/DV	S/E/DV	DV/F/EG	DV/F/EG/M	F/EG/M/C	EG/M/C	M/C	C	
MA	Centro Maranhense	0,70						S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	C
MT	Norte Mato-grossense	2,92			S/E	S/E/DV	S/E/DV	E/DV/F	F/EG/M/C	EG/M/C	M/C	C	
GO**	Leste Goiano	0,62		S/E	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	DV/F/EG/M/C	F/EG/M/C	EG/M/C	M/C	C	
PR**	Noroeste Paranaense	1,29		S/E/DV	S/E/DV	S/E/DV	DV/F/EG	DV/F/EG/M/C	EG/M/C	M/C	C		
SC**	Norte Catarinense	1,40	S/E	S/E/DV	S/E/DV	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C			
	Vale do Itajaí	2,07	S/E	S/E/DV	S/E/DV	S/E/DV	DV/F	F/EG	F/EG/M/C	EG/M/C	M/C		
	Sul Catarinense	7,68	S/E	S/E/DV	S/E/DV	S/E/DV	DV/F	F/EG	F/EG/M/C	EG/M/C	M/C		

Continua

Legenda – Condição hídrica			
Favorável	Baixa Restrição - Falta de Chuva	Baixa Restrição - Excesso de Chuva	Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
	Média Restrição - Falta de Chuva	Média Restrição - Excesso de Chuva	Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
	Alta Restrição - Falta de Chuva	Alta Restrição - Excesso de Chuva	Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas

UF	Mesorregiões	Produção* %	Arroz - Safra 2024/2025										
			AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN
RS**	Centro Ocidental Rio-grandense	6,45		S/E	S/E/DV	S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG/M/C	EG/M/C	M/C	C	
	Centro Oriental Rio-grandense	3,96		S/E	S/E/DV	S/E/DV	DV	DV/F	F/EG/M/C	EG/M/C	M/C	C	
	Metropolitana de Porto Alegre	15,90		S/E	S/E/DV	S/E/DV	DV	DV/F	F/EG/M/C	EG/M/C	M/C	C	
	Sudoeste Rio-grandense	28,87		S/E/DV	S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M/C	EG/M/C	M/C		
	Sudeste Rio-grandense	14,17		PS	S/E/DV	S/E/DV	DV	DV/F	F/EG/M/C	EG/M/C	M/C	C	

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita. (**) =total ou parcialmente irrigado.

Fonte: Conab. *IBGE (PAM 2023) / Conab.

OFERTA E DEMANDA

A Conab estima que a safra brasileira de arroz 2024/25 será 14,8% maior que a de 2023/24, projetada em 12,1 milhões de toneladas. Esse crescimento é reflexo, principalmente, da estimativa de significativa expansão de área, impulsionada pelos elevados preços recebidos pelos produtores no momento do plantio. Além disso, em um cenário climático favorável nas principais regiões produtoras, observa-se boa produtividade da cultura.

Quanto ao quadro de oferta e demanda do arroz, neste oitavo levantamento, foram mantidos os valores estimados para o consumo nacional nas safras 2023/24 e 2024/25, esses volumes são projetados em patamares próximos à média de consumo dos últimos cinco anos do setor orizícola.

Ainda sobre o consumo, ressalta-se que esse fator é calculado como uma variável de ajuste do quadro de suprimento, considerando os estoques de passagem apurados pelo IBGE, os dados de balança comercial consolidados pela Secex/MDIC e o volume nacional produzido estimado pela Conab. Com

a consolidação desses dados, até o final de fevereiro, o quadro de suprimento aponta para um consumo de 10,5 milhões de toneladas na safra 2023/24, com projeção de estabilidade para a safra 2024/25.

Mais especificamente em relação à balança comercial, para a safra 2023/24, observa-se uma redução das exportações brasileiras para 1,4 milhão de toneladas, resultado dos preços internos operando acima das paridades de exportação na maior parte do período de comercialização, da menor disponibilidade interna e da recomposição produtiva norte-americana.

Para a safra 2024/25, com a expectativa de recuperação da produção e de redução dos preços internos ao longo de 2025, estima-se um aumento das exportações de arroz brasileiro para 2 milhões de toneladas. Quanto às importações, projeta-se um volume estável de 1,4 milhão de toneladas para ambas as safras: 2023/24 e 2024/25.

Diante dos números apresentados e, sobretudo, da perspectiva de expressivo incremento da produção nacional, projeta-se um aumento nos estoques de passagem ao final da safra 2024/25, com volume estimado em 1,6 milhão de toneladas em fevereiro de 2026.

TABELA 6 - BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA - ARROZ EM CASCA - EM MIL T

SAFRA		ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE FINAL
2018/19		812,3	10.483,6	1.037,7	12.333,6	10.780,3	1.365,7	187,6
2019/20		187,6	11.183,4	1.351,1	12.722,1	10.205,7	1.762,4	754,0
2020/21		754,0	11.766,4	895,1	13.415,5	10.802,1	1.311,1	1.302,3
2021/22		1.302,3	10.780,5	1.337,3	13.420,1	10.506,4	2.067,1	846,6
2022/23		846,6	10.031,8	1.550,3	12.428,7	10.324,1	1.696,7	407,9
2023/24		407,9	10.577,0	1.421,5	12.406,4	10.500,0	1.362,2	544,2
2024/25	abr/25	552,7	12.146,7	1.400,0	14.099,4	10.500,0	2.000,0	1.599,4
	mai/25	544,2	12.140,3	1.400,0	14.084,5	10.500,0	2.000,0	1.584,5

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em maio/2025.

Estoque de passagem - 28 de fevereiro.

Para mais informações sobre o progresso da safra de arroz, [clique aqui](#).

**FEIJÃO****ÁREA**

2.792 mil ha

-2,4%**PRODUTIVIDADE**

1.156 kg/ha

+1,9%**PRODUÇÃO**

3.228,9 mil t

-0,5%

Comparativo com safra anterior.

Fonte: Conab.

ANÁLISE DA CULTURA

Esta cultura tem ampla importância na agricultura nacional, especialmente pela sua relevância na alimentação humana e, em particular, no hábito alimentar dos brasileiros. Seu alto valor nutricional e o seu “casamento perfeito”, com o arroz, faz da cultura uma das graníferas mais abrangentes pelo país, produzida nas cinco regiões e praticamente em todos os seus estados, considerando aqui os três grandes grupos acompanhados pela companhia, feijão-comum cores, feijão-comum preto e feijão-caupi.

Além dos fatores alimentícios, a cultura tem seu apelo agrônomo, principalmente pelo seu ciclo fenológico, considerado mais curto e que possibilita ao produtor adequar melhor o seu plantio dentro de uma janela menor, sem ter que abrir mão da produção de outros grãos ainda no mesmo ano-safra. Nesse cenário, o Brasil possui três épocas distintas de plantio, favorecendo assim uma oferta constante do produto ao longo do ano. Dessa forma, tem-se o feijão de primeira safra, semeado entre agosto e dezembro, o de segunda safra, cultivado entre janeiro e abril, e o de terceira safra, semeado de maio a julho.

FEIJÃO PRIMEIRA SAFRA 2024/25

TABELA 7 - EVOLUÇÃO DA SÉRIE HISTÓRICA - FEIJÃO PRIMEIRA SAFRA

SAFRA		ÁREA (em mil ha)	PRODUTIVIDADE (kg/ha)	PRODUÇÃO (em mil t)
2018/19		922,6	1.072	989,1
2019/20		914,5	1.209	1.105,6
2020/21		909,2	1.074	976,4
2021/22		909,3	1.036	941,8
2022/23		857,3	1.116	956,7
2023/24		861,1	1.094	942,3
2024/25	Abr./25	905,0	1.170	1.058,8
	Mai./25	908,5	1.170	1.062,8

Fonte: Conab.

A colheita do feijão primeira safra está praticamente finalizada, restando apenas algumas áreas mais tardias e/ou que sofreram replantio, particularmente no Piauí.

De maneira geral, mesmo com as adversidades climáticas, até as registradas neste final de ciclo, com altas temperaturas e períodos de estiagem em algumas localidades produtoras, a estimativa apresenta uma safra mais prolífica que em 2023/24, tanto com aumento de área plantada, como em rendimento médio.

FEIJÃO-COMUM CORES

Minas Gerais: a colheita está finalizada no estado. As operações foram concluídas em março, em áreas pontuais, assim, pode-se confirmar uma produção inferior a 2023/24, por conta da redução na área total plantada. Fatores mercadológicos (preços pagos pelo feijão não têm sido tão atrativos quando comparados a outros cultivos de verão, como soja e milho), além do maior risco climático de plantio do feijão na primeira safra, que foram os principais pontos que justificam essa diminuição na destinação de área.

Quanto ao rendimento médio da cultura, o ciclo apresentou incremento em relação ao ano passado, principalmente em razão das condições climáticas melhores no período de implantação e desenvolvimento inicial das lavouras, permitindo melhor vigor vegetativo e a evolução fenológica das plantas em um cronograma mais próximo ao ideal, sem o atraso no plantio, ocorrido no exercício passado, provocado pela estiagem e ondas de calor registrados no fim de 2023.

Bahia: a colheita foi finalizada em abril, depois de atraso no ciclo, especialmente nas regiões Centrais, por conta da falta de chuvas em fases importantes, limitando, desde a implantação das lavouras até o desenvolvimento da cultura.

Nesse cenário, houve forte redução nas estimativas ligadas à produção, pois o rendimento médio dos grãos foi bastante comprometido. As áreas mais ao oeste do estado apresentaram melhores resultados, já que o regime pluviométrico ali foi mais favorável. Mas, a maior concentração do cultivo nesse período fica no centro-sul e centro-norte do estado.

Paraná: a colheita foi finalizada ainda em fevereiro, e confirmou a expectativa inicial de uma safra mais prolífica que em 2023/24, com incremento no rendimento médio, mesmo com um ajuste em relação ao valor divulgado no mês passado, já que o atual ciclo apresentou um clima mais favorável à cultura na maior parte da safra que no exercício anterior, e também na área plantada. A qualidade do produto colhido também obteve resultados satisfatórios.

Santa Catarina: a ocorrência de chuvas em maiores volumes no final de abril acabou dificultando a colheita, especialmente no oeste do estado, mas as operações já estão concluídas.

Algumas dessas áreas mais tardias enfrentaram oscilações climáticas importantes, com passagens de frentes frias e quentes, que alternaram períodos chuvosos e de estiagem durante parte importante do ciclo, interferindo em parte do potencial produtivo da cultura em algumas localidades, mas ainda manteve uma previsão de bom incremento na produtividade média em relação à safra passada. A qualidade do produto também foi um fator positivo nesse ciclo.

Rio Grande do Sul: a colheita evoluiu rapidamente e foi concluída ao final de abril.

Apesar de episódios de estiagem e altas temperaturas durante parte do ciclo, a cultura teve bom desenvolvimento e bom rendimento médio, favorecidos por uma condição climática, que no geral, foi benéfica à cultura, especialmente na região do Planalto Superior, onde se concentra a maior área produtiva.

A qualidade do produto também foi considerada satisfatória, principalmente quanto à sanidade, tamanho e cor dos grãos.

Mato Grosso: a colheita foi finalizada no último mês, embora a produtividade média tenha ficado levemente inferior à temporada passada, o aumento percentual considerável de área plantada foi importante para gerar uma produção superior a 2023/24.

FEIJÃO-COMUM PRETO

Paraná: a colheita foi concluída em março, confirmando a expectativa inicial de uma safra mais prolífica que em 2023/24, com incremento considerável na

área plantada, embora nesse último levantamento tenha ocorrido um leve ajuste redutor da área plantada em relação ao mês passado, principalmente, pelos bons preços pagos pelo grão à época do plantio da leguminosa, além de aumento na produtividade média, já que o atual ciclo apresentou um clima mais favorável à cultura, especialmente para as lavouras mais tardias, que apresentaram ótimos resultados e elevaram o rendimento médio.

Santa Catarina: a ocorrência de chuvas em maiores volumes no final de abril acabou dificultando a colheita, especialmente no oeste do estado, mas as operações já estão concluídas.

Algumas dessas áreas mais tardias enfrentaram oscilações climáticas importantes, com passagens de frentes frias e quentes, que alternaram períodos chuvosos e de estiagem durante parte importante do ciclo, interferindo em parte do potencial produtivo da cultura em algumas localidades, mas ainda manteve uma previsão de bom incremento na produtividade média em relação à safra passada. A qualidade do produto também foi um fator positivo nesse ciclo.

Rio Grande do Sul: as condições meteorológicas de abril foram favoráveis para o bom andamento da colheita, e as operações nas áreas remanescentes no Planalto Superior foram concluídas. Inclusive, nessa área mais tardias houve bons resultados de produtividade, o que elevou a média estimada até então, e perfez um rendimento estadual ligeiramente superior à temporada passada.

O potencial produtivo era maior, mas a estiagem e as altas temperaturas que ocorreram entre dezembro de 2024 e março de 2025 prejudicaram as lavouras cultivadas em diversas regiões do estado, especialmente na Depressão Central, Missões, Fronteira Oeste, Planalto Médio e Alto Uruguai. As áreas semeadas no início da janela de semeadura ainda conseguiram confirmar

boas produtividades antes das condições meteorológicas desfavoráveis, mas boa parcela das áreas foi impactada no florescimento e enchimento de grãos, resultando na diminuição do potencial produtivo.

FEIJÃO-CAUPI

Piauí: a colheita segue avançando, mas ainda evolui de forma bem descompassada, por irregularidades nas condições das lavouras. Desde o início do ciclo, as oscilações pluviométricas geraram atraso no plantio, até mesmo com necessidade de replantio em algumas áreas mais críticas no quesito de escassez de chuvas. A partir da implantação e desenvolvimento das lavouras, as condições climáticas se mantiveram oscilantes entre as principais regiões produtoras no estado. Observa-se, por exemplo, que as lavouras vêm apresentando boas condições gerais na maioria das áreas localizadas no norte e no sudoeste piauiense. Ali, o regime pluviométrico foi mais estável e com uma distribuição mais uniforme. Já em áreas do sudeste e parte do centro-norte, a situação é crítica por falta de chuvas, muitos agricultores chegaram a plantar com as chuvas que caíram a partir do final de dezembro, mas a partir da segunda quinzena de janeiro praticamente não choveu mais, e as lavouras que se encontravam em início de desenvolvimento vegetativo foram prejudicadas.

Assim, mesmo se tratando de uma cultura que consegue se desenvolver com menores índices de umidade e conclui seu ciclo em menor espaço de tempo, estima-se redução no rendimento médio em relação ao resultado obtido em 2023/24.

Bahia: a colheita foi finalizada em abril, depois de atraso no ciclo, especialmente nas regiões Centrais, por conta da falta de chuvas em fases importantes,

limitando, desde a implantação das lavouras até o desenvolvimento da cultura.

Nesse cenário, houve redução nas estimativas ligadas à produção, embora esse decréscimo tenha sido menor que no feijão-cores, já que a tolerância ao estresse abiótico é maior no feijão-caupi, pois o rendimento médio dos grãos foi comprometido. As áreas mais ao oeste do estado apresentaram melhores resultados, já que o regime pluviométrico ali foi mais favorável. Porém, a maior concentração do cultivo nesse período fica no centro-sul e centro-norte do estado.

Maranhão: as lavouras estão em iminente conclusão da colheita, uma vez que as condições gerais ao longo do ciclo nas regiões produtoras (sul e centro-sul maranhenses) foram consideradas boas, gerando, até mesmo, aumento na estimativa de produtividade média por conta dos resultados acima do esperado nessas lavouras de ciclo médio e tardio.

Pernambuco: o clima mais seco do último mês beneficiou a maturação e a finalização da colheita. O ciclo foi marcado por oscilação climática, especialmente no quesito das chuvas, reduzindo parte do potencial da cultura, porém, a boa tolerância e rusticidade que a planta possui quanto aos estresses bióticos e abióticos, fizeram com que as lavouras apresentassem desenvolvimento entre bom e regular, mantendo uma estimativa produtiva ainda superior à da temporada passada, já que nesse ano as condições climáticas foram consideradas melhores, no geral.

QUADRO 3 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS E DE TEMPERATURA E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS – FEIJÃO PRIMEIRA SAFRA

Legenda – Condição hídrica												
	Favorável		Baixa Restrição - Falta de Chuva			Baixa Restrição - Excesso de Chuva			Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas			
			Média Restrição - Falta de Chuva			Média Restrição - Excesso de Chuva			Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas			
			Alta Restrição - Falta de Chuva			Alta Restrição - Excesso de Chuva			Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas			
UF	Mesorregiões	Produção* %	Feijão primeira safra - Safra 2024/25									
			AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI
PA	Nordeste Paraense	0,78						S/E/DV	DV/F	DV/F/EG/M	F/EG/M	M/C
PI	Norte Piauiense	0,80					S/E	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C
	Centro-Norte Piauiense	0,70					S/E	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C
	Sudoeste Piauiense	2,27					S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C
	Sudeste Piauiense	1,08					S/E	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C
	Extremo Oeste Baiano**	10,49		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C		
BA	Vale São-Franciscano da Bahia	0,78				S/E	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG/M	F/EG/M	M/C	
	Centro Norte Baiano	0,70				S/E	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG/M	F/EG/M	M/C	
	Centro Sul Baiano	2,68				S/E	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG/M	EG/M/C	M/C	
GO	Leste Goiano	5,90			S/E/DV	S/E/DV	F/EG	EG/M/C	C			
	Sul Goiano	4,38			S/E/DV	S/E/DV	F/EG	EG/M/C				
	Norte Goiano	2,05			S/E	S/E/DV	F/EG	F/EG/M	EG/M/C			
DF	Distrito Federal	2,79			S/E/DV	S/E/DV	F/EG	EG/M/C	M/C			
MG	Noroeste de Minas	7,05			S/E	S/E/DV	F/EG	EG/M/C	C			
	Norte de Minas	2,19				S/E	S/E/DV	F/EG	M/C			
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba	2,94			S/E	S/E/DV	F/EG	EG/M/C	M/C			
	Oeste de Minas	0,84			S/E/DV	S/E/DV	F/EG	EG/M/C	M/C			
	Sul/Sudoeste de Minas	2,66			S/E/DV	S/E/DV	F/EG	EG/M/C	M/C			
	Campo das Vertentes	2,29			S/E/DV	S/E/DV	F/EG	EG/M/C	M/C			
	Zona da Mata	1,32			S/E/DV	S/E/DV	F/EG	EG/M/C	M/C			
SP	Assis**	0,79	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	C					
	Itapetininga**	1,20	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	C					
	Macro Metropolitana Paulista	0,86			S/E	E/DV	F/EG/M	EG/M/C				
	Norte Pioneiro Paranaense	1,11		S/E/DV	DV/F	F/EG	M/C	C				
	Centro Oriental Paranaense	4,84		S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C			
PR	Oeste Paranaense	1,03		S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C			
	Sudoeste Paranaense	0,75		S/E	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C			
	Centro-Sul Paranaense	2,39		S/E	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C			
	Sudeste Paranaense	9,43		S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C			
	Metropolitana de Curitiba	3,12		S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C			
SC	Oeste Catarinense	2,39		S/E	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	F/EG/M/C	EG/M/C	EG/M/C		
	Norte Catarinense	1,80		S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	DV/F/EG/M/C	F/EG/M/C	EG/M/C		
	Serrana	2,22		S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	DV/F/EG/M/C	F/EG/M/C	EG/M/C		
RS	Noroeste Rio-grandense	0,88		S/E	E/DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	M/C				
	Nordeste Rio-grandense	2,84		S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	DV/F/EG/M/C	F/EG/M/C	EG/M/C	M/C	

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita; (**) todo ou parcialmente irrigado.

Fonte: Conab. *IBGE (PAM 2023) / Conab.

FEIJÃO SEGUNDA SAFRA 2024/25

TABELA 8 - EVOLUÇÃO DA SÉRIE HISTÓRICA - FEIJÃO SEGUNDA SAFRA

SAFRA		ÁREA (em mil ha)	PRODUTIVIDADE (kg/ha)	PRODUÇÃO (em mil t)
2018/19		1.418,6	917	1.300,4
2019/20		1.423,0	875	1.244,7
2020/21		1.446,4	787	1.137,8
2021/22		1.419,1	945	1.341,1
2022/23		1.326,2	962	1.275,8
2023/24		1.528,2	990	1.512,2
2024/25	Abr./25	1.463,8	1.008	1.475,1
	Mai./25	1.396,2	1.003	1.400,0

Fonte: Conab.

FEIJÃO-COMUM CORES

Paraná: em abril, as condições climáticas permaneceram com precipitações irregulares, tanto na distribuição espacial como na temporal, tendo um alívio apenas no quesito temperatura, cujas médias, que estavam elevadas, apresentaram redução e auxiliaram numa menor taxa de evapotranspiração da cultura.

Até o fim de abril, as lavouras no estado se dividiam entre as fases de desenvolvimento vegetativo e maturação, uma vez que 26% da área total já estava colhida. As condições fisiológicas e fitossanitárias são majoritariamente boas, visto que o pequeno percentual de lavouras que estão classificadas como ruins são aquelas que enfrentaram períodos de estiagem e altas temperaturas, especialmente em suas etapas de floração e enchimento de grãos. De maneira geral, o potencial produtivo ainda é satisfatório, devendo se refletir em uma produtividade média superior àquela alcançada em 2023/24, que foi um ciclo com maiores adversidades edafoclimáticas.

Quanto à destinação de área, houve importante redução em comparação a 2023/24 e também em relação ao levantamento passado, principalmente pela substituição de cultivo com o milho de segunda safra devido à maior estabilidade dos preços pagos pelo cereal em relação ao feijão e também pela maior demanda de milho pelos setores, tanto de alimentação animal, com a abertura de unidades produtoras de suínos e aves, bem como no ramo de geração de energia, por meio de fabricação de etanol proveniente do milho em unidade de produção de biocombustíveis.

Minas Gerais: houve retorno das precipitações ao final de abril, porém, no contexto geral, as condições climáticas se mantiveram irregulares, com chuvas escassas e mal distribuídas, bem como o registro de altas temperaturas em alguns períodos, limitando a implantação e desenvolvimento das lavouras. Esse cenário e a baixa nos preços do grão frente à outras culturas, somados a um aumento no custo de produção por conta de maior uso de defensivos para o controle do mosaico dourado, que foi bastante severo no ano passado, trouxeram impactos na destinação de área para a cultura, que sofreu nova redução na estimativa e se apresenta ainda menor que o semeado na safra 2023/24.

A retomada das chuvas no final de abril foi importante para uma recuperação parcial das lavouras e também para encaminhar o plantio a sua fase derradeira.

Paraíba: até o fim de abril, apenas 17,7% da área prevista estava efetivamente semeada. Houve atraso nas operações e até registro de replantio, principalmente na região do Alto Sertão, que sofreu com veranico em março, por conta da má distribuição das chuvas. A semeadura na zona da mata ocorre em momento posterior ao plantio no Sertão e Vale do Piancó.

As lavouras já implantadas se encontram em condições regulares e com as fases fenológicas divididas entre desenvolvimento vegetativo e floração, para aquelas áreas semeadas mais cedo e que tiveram viabilidade de desenvolvimento inicial.

Santa Catarina: as condições climáticas mais recentes foram de oscilações de chuvas e temperaturas elevadas nas principais regiões produtoras da cultura. Isso influencia no potencial produtivo, especialmente pelo fato das lavouras estarem predominantemente em fase de enchimento de grãos, uma etapa crítica para o rendimento da cultura.

Esse cenário climático instável atrasou o desenvolvimento e resultou em plantas de baixa estatura, além de provocar queda de flores e falha no enchimento de grão.

Mato Grosso: por ocasião do volume generoso de chuvas nos últimos meses, as lavouras de feijão mostraram boa evolução vegetativa e reprodutiva. A condição foi benéfica para a evolução da leguminosa, tendo em conta que boa parte das lavouras se encontram na fase de enchimento de grãos, e a umidade adequada no solo tem proporcionado o desenvolvimento pleno das plantas. Não houve ocorrências anormais de pragas e doenças, somente registros pontuais, mas dentro do controlável. Uma parcela menor das lavouras está na fase de maturação, com possibilidade de início de colheita nas próximas semanas.

Mato Grosso do Sul: o plantio está em andamento, chegando a pouco mais de um terço da área prevista até o fim de abril, a previsão inicial é de leve redução na área total em comparação ao exercício anterior, principalmente por questões de mercado, que reduziram a rentabilidade da cultura frente ao cultivo de outros grãos nesse período.

A irregularidade das precipitações, concentradas nas regiões sul e leste do estado, suspendeu a semeadura da leguminosa, principalmente em Bonito, município tradicional por cultivar a cultura na segunda safra. Por outro lado, as chuvas na região norte foram fundamentais para o início de florescimento da cultura. Devido ao alto índice pluviométrico nessa região, há preocupação com o aspecto fitossanitário, com os produtores realizando monitoramento das lavouras e manejo preventivo, especialmente contra doenças fúngicas e larva minadora.

O feijão cultivado na região centro-sul está apresentando excelente desenvolvimento, não houve surto de pragas e aproxima-se da fase de florescimento. As lavouras já receberam a primeira aplicação preventiva de fungicida.

Bahia: o plantio ainda está em andamento, com previsão de aumento na área em comparação ao ano anterior. As oscilações pluviométricas não são consideradas um empecilho, já que a cultura é manejada sob irrigação. Contudo, as preocupações ficam por conta das temperaturas, que já nesse início de outono apresentou redução, algo que é benéfico à cultura, e também, com as infestações por mosca-branca, que, até o momento, não há registro de danos significativos.

FEIJÃO-COMUM PRETO

Paraná: em abril, as condições climáticas permaneceram com precipitações irregulares, tanto na distribuição espacial como na temporal, tendo um alívio apenas no quesito temperatura, cujas médias, que estavam elevadas, apresentaram redução e auxiliaram numa menor taxa de evapotranspiração da cultura.

Até o fim de abril, as lavouras no estado se dividiam entre as fases de desenvolvimento vegetativo e maturação, visto que cerca de um quarto da área total já estava colhida. As condições fisiológicas e fitossanitárias são majoritariamente boas, uma vez que o pequeno percentual de lavouras que estão classificadas como ruins são aquelas que enfrentaram períodos de estiagem e altas temperaturas, especialmente em suas etapas de floração e enchimento de grãos. De maneira geral, o potencial produtivo ainda é satisfatório, devendo se refletir em uma produtividade média superior àquela alcançada em 2023/24, que foi um ciclo com maiores adversidades edafoclimáticas.

Quanto à destinação de área, houve importante redução em comparação a 2023/24 e também em relação ao levantamento passado, principalmente pela substituição de cultivo com o milho de segunda safra devido à maior estabilidade dos preços pagos pelo cereal em relação ao feijão e também pela maior demanda de milho pelos setores, tanto de alimentação animal, com a abertura de unidades produtoras de suínos e aves, bem como no ramo de geração de energia, por meio de fabricação de etanol proveniente do milho em unidade de produção de biocombustíveis.

Santa Catarina: as condições climáticas mais recentes foram de oscilações de chuvas e temperaturas elevadas nas principais regiões produtoras da cultura. Isso influencia no potencial produtivo, especialmente pelo fato das lavouras estarem, predominantemente, em fase de enchimento de grãos, uma etapa crítica para o rendimento da cultura.

Esse cenário climático instável atrasou o desenvolvimento e resultou em plantas de baixa estatura, além de provocar queda de flores e falha no enchimento de grão. Houve redução na estimativa de produtividade média, por conta desses fatores já mencionados, assim como um ajuste na previsão

de área plantada, ambas em comparação com os valores estimados no levantamento passado.

Nas regiões da Serra e do Planalto Norte, a semeadura teve maior concentração em janeiro/fevereiro, e a cultura se encontra em vários estádios fenológicos, desde fases vegetativas até áreas em colheita. As condições seguem variáveis, havendo excesso de chuvas em alguns momentos, resultando em ataque de doenças em algumas regiões e, falta em outros, o que pode provocar uma redução pontual de potencial produtivo. Já no Meio-Oeste, as lavouras sofreram com as altas temperaturas e estresse hídrico.

Rio Grande do Sul: o último mês iniciou com bons volumes de chuva no primeiro decêndio, especialmente na região do Planalto Médio, onde se concentra a maior parte da produção nesse período. Tais precipitações proporcionaram a retomada do armazenamento de água no solo para índices adequados. Após o período chuvoso houve um período de nebulosidade, seguido de vários dias com boa incidência de radiação solar. Essas condições trouxeram as plantas um bom vigor vegetativo, bem como condições adequadas para o florescimento e início do enchimento de grãos.

Contudo, antes desse período houve registro de forte estiagem e altas temperaturas, inviabilizando o plantio em muitas das regiões produtoras, refletindo na estimativa de área, que demonstra expressiva redução em comparação aos últimos levantamentos e também à temporada anterior.

Além da escassez de água e das altas temperaturas, houve maior pressão na incidência de vaquinha (*Diabrotica speciosa*), o que fez com que maiores trabalhos fossem feitos para o controle e manejo eficaz das lavouras, visando a manutenção do potencial produtivo.

Em abril também houve o início da colheita naquelas áreas mais precoces e/ou que foram semeadas mais cedo. Vale ressaltar que esses primeiros resultados têm ficado aquém do esperado, pois boa parte dessas lavouras sofreram com estiagem e altas temperaturas durante suas fases críticas de floração e enchimento dos grãos. No entanto, a estimativa para o rendimento médio ainda se mantém inalterado, pois as lavouras mais tardias vêm apresentando melhores condições e devem potencializar o resultado geral.

FEIJÃO-CAUPI

Ceará: as operações de semeadura estão em fase final, devendo apresentar uma redução na área plantada em comparação com a temporada passada, especialmente pela substituição de cultivo para o milho, que vem se mostrando mais rentável aos produtores.

O clima tem sido oscilante no quesito pluviométrico, uma vez que no último mês as chuvas estiveram abaixo da média em algumas regiões produtoras, limitando a implantação das lavouras e parte do seu desenvolvimento geral.

As primeiras áreas semeadas já estão em maturação, com previsão de início da colheita ainda em maio.

Paraíba: até o fim de abril, apenas 46,2% da área prevista estava efetivamente semeada. Houve atraso nas operações e até registro de replantio, principalmente na região do Alto Sertão, que sofreu com veranico em março, por conta da má distribuição das chuvas. A semeadura na zona da mata ocorre em momento posterior ao plantio no Sertão e Vale do Piancó.

As lavouras já implantadas se encontram em condições regulares e com as fases fenológicas divididas entre desenvolvimento vegetativo e floração,

para aquelas áreas semeadas mais cedo e que tiveram viabilidade de desenvolvimento inicial.

Piauí: as baixas chuvas no período do plantio acabaram afetando a estimativa de destinação de área, com previsão de redução em comparação à temporada passada.

Mato Grosso: a cultura tem apresentado bom vigor nas diferentes fases de desenvolvimento. A leguminosa possui intolerância ao excesso de precipitações, motivo que chegou a preocupar os produtores, considerando que muitas regiões receberam um grande volume de chuvas entre março e abril. Todavia, de modo geral, a condição não chegou a provocar danos significativos à cultura, mantendo um bom potencial produtivo.



Foto 3 - Feijão-caupi 2ª safra florescimento Vera - MT

Fonte: Conab.

Bahia: as lavouras estão todas implantadas e seguem, majoritariamente, em desenvolvimento vegetativo e floração. O regime hídrico nas regiões produtoras tem sido satisfatório, até aqui, mas o volume de chuvas tem se mostrado menor que o desejado.

Rio Grande do Norte: as lavouras já implantadas estão em pleno desenvolvimento, porém vêm sofrendo com a escassez de chuvas em algumas regiões produtoras. Até mesmo a semeadura de áreas mais tardias ficou comprometida pela limitação hídrica. Assim, houve redução nas estimativas de área plantada e de produtividade média em relação às previsões divulgadas no último levantamento. Soma-se às condições climáticas adversas, a dificuldade com os tratos culturais e o menor uso de insumos por parte de alguns produtores.

Tocantins: as lavouras em sequeiro já foram todas implantadas e seguem já em fase reprodutiva, apresentando boas condições, favorecidas principalmente pelo bom regime pluviométrico no último mês

Já as áreas irrigadas, em várzea, estão em fase de preparo para a semeadura.

Pernambuco: o cultivo, que se concentra na região do Sertão pernambucano, vem sofrendo com estresse hídrico por conta da irregularidade das chuvas. Essa escassez no regime pluviométrico está limitando o potencial produtivo da cultura.

Atualmente, as lavouras estão em fase de maturação e colheita, apresentando qualidade adequada dos grãos, mas tendo um deficit parcial no âmbito quantitativo.

Goiás: a cultura está entre as fases de enchimento de grãos e maturação. Apesar do menor volume de chuvas no último mês, as lavouras apresentam boas condições gerais, também favorecidas pelo acumulado hídrico gerado anteriormente.

No geral, as condições climáticas foram benéficas à cultura na maior parte do ciclo, ainda mais pela baixa exigência hídrica que o feijão-caupi tem em

comparação a outros tipos de feijão. Assim, a expectativa é de incremento na produtividade média em relação ao ano passado.

Maranhão: a cultura segue em desenvolvimento, apresentando boas condições gerais, com destaque para a região sul do estado, onde se concentra boa parte desse cultivo.

QUADRO 4 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS E DE TEMPERATURA E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS – FEIJÃO SEGUNDA SAFRA

Legenda – Condição hídrica									
	Favorável		Baixa Restrição - Falta de Chuva		Baixa Restrição - Excesso de Chuva		Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas		
			Média Restrição - Falta de Chuva		Média Restrição - Excesso de Chuva		Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas		
			Alta Restrição - Falta de Chuva		Alta Restrição - Excesso de Chuva		Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas		
UF	Mesorregiões	Produção* %	Feijão segunda safra - Safra 2024/25						
			JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL
TO	Ocidental do Tocantins	2,41			S/E/DV	DV/F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C
MA	Sul Maranhense	0,79		S/E	E/DV	F/EG/M	F/EG	EG/M/C	M/C
CE	Noroeste Cearense	2,00		S/E	E/DV	F/EG	EG/M/C	M/C	
	Norte Cearense	1,22		S/E	E/DV	F/EG	EG/M/C	M/C	
	Sertões Cearenses	1,39		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	
	Jaguaribe	0,55		PS	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	
	Sul Cearense	0,69		PS	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	
RN	Oeste Potiguar	0,48		PS	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	
PB	Agreste Paraibano	0,91			S/E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	
PE	Sertão Pernambucano	0,42		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	
	Agreste Pernambucano	0,52		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	
MT	Norte Mato-grossense	5,81		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	
	Nordeste Mato-grossense	0,91		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	
	Sudeste Mato-grossense	1,71		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	
MS	Sudoeste de Mato Grosso do Sul	0,77			S/E/DV	E/DV/F	F/EG	F/EG/M	M/C
GO	Leste Goiano	0,64			S/E/DV	F/EG	EG/M/C	M/C	
	Sul Goiano	1,42			S/E/DV	F/EG	EG/M/C	M/C	
MG	Noroeste de Minas	0,62		S/E	E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	EG/M/C	M/C
	Norte de Minas	1,14		PS	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	EG/M/C	M/C
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba	2,30		S/E	E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	EG/M/C	M/C
	Central Mineira	0,42		S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	EG/M/C	M/C
	Metropolitana de Belo Horizonte	0,56		S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	EG/M/C	M/C
	Oeste de Minas	1,70		S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	EG/M/C	M/C
	Sul/Sudoeste de Minas	3,02		S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	EG/M/C	M/C
	Campo das Vertentes	4,54		S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	EG/M/C	M/C
	Zona da Mata	1,22		S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	EG/M/C	M/C

Legenda – Condição hídrica				
		Baixa Restrição - Falta de Chuva		Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
		Média Restrição - Falta de Chuva		Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
		Alta Restrição - Falta de Chuva		Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas

UF	Mesorregiões	Produção* %	Feijão segunda safra - Safra 2024/25						
			JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL
PR	Centro Ocidental Paranaense	1,33	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	EG/M/C	M/C	
	Norte Central Paranaense	0,81	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	EG/M/C	M/C	
	Centro Oriental Paranaense	5,64	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	EG/M/C	C	
	Oeste Paranaense	1,72	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	
	Sudoeste Paranaense	17,78	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	
	Centro-Sul Paranaense	8,67	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	
	Sudeste Paranaense	6,14	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	
	Metropolitana de Curitiba	0,91	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	
SC	Oeste Catarinense	3,81	S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	
RS	Noroeste Rio-grandense	2,25	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita; (**) todo ou parcialmente irrigado.

Fonte: Conab. *IBGE (PAM 2022) / Conab.

FEIJÃO TERCEIRA SAFRA 2024/25

TABELA 9 - EVOLUÇÃO DA SÉRIE HISTÓRICA - FEIJÃO TERCEIRA SAFRA

SAFRA		ÁREA (em mil ha)	PRODUTIVIDADE (kg/ha)	PRODUÇÃO (em mil t)
2017/18		577,8	1.062	613,8
2018/19		581,0	1.253	728,0
2019/20		588,8	1.481	872,1
2020/21		567,8	1.373	779,6
2021/22		530,6	1.333	707,2
2022/23		516,4	1.574	813,0
2023/24		470,2	1.680	789,9
2024/25	Abr./25	492,8	1.580	778,9
	Mai./25	487,3	1.572	766,2

Fonte: Conab.

O plantio foi iniciado em algumas das regiões produtoras no país e segue avançando em bom ritmo, especialmente naqueles lugares onde o regime pluviométrico tem sido satisfatório.

A perspectiva inicial é de aumento na área plantada em comparação à temporada passada, tanto pelo clima mais favorável e uma janela de plantio mais abrangente, também associada ao clima, bem como pelos preços atrativos do grão em muitas praças.

ANÁLISE DE OFERTA E DEMANDA

FEIJÃO-COMUM CORES

Paraná: as chuvas foram irregulares, e isso limitou a implantação das lavouras, que ainda está em fase inicial, e, por consequência, o desenvolvimento daquelas primeiras lavouras semeadas.

A estimativa é que apenas 10% da área prevista foi plantada até o fim de abril, mas por se tratar de uma destinação pequena de área, as operações devem ser concluídas nas primeiras semanas de maio.

Minas Gerais: o cultivo tem evoluído, principalmente no noroeste do estado, com as operações ganhando força mais ao final de abril por conta da retomada das chuvas.

Estima-se que aproximadamente metade da área prevista esteja semeada, e que há intenção de diminuição da área total, em comparação com o ano anterior, por conta de baixa nos preços pagos pelo grão e a sua competitividade de mercado frente a outras culturas.

Goiás: a semeadura começou mais cedo este ano em diversas regiões do estado. A região leste e o Vale do Araguaia deram início ao plantio ainda no começo de abril, com previsão de se estender até a primeira quinzena de maio. Na região sul, os primeiros plantios ocorreram a partir da segunda quinzena de abril. A maior parte dos pivôs no estado tem semeadura prevista para maio.

O regime de chuvas intermitente acaba exigindo apenas uma irrigação complementar nas lavouras semeadas mais cedo. Paralelamente, as temperaturas em declínio nas regiões mais elevadas do leste goiano, ao longo de abril, proporcionam um cenário climático benéfico ao desenvolvimento pleno do feijão.

Bahia: o cultivo se concentra na região nordeste do estado, e ali, apenas algumas áreas já começaram a semeadura, aproveitando-se de chuvas esparsas que ocorreram no local, ao final de abril. No geral, a maioria dos produtores estão esperando uma maior regularidade das precipitações para realizar o plantio em melhores condições de desenvolvimento inicial.

FEIJÃO-COMUM PRETO

Pernambuco: o plantio ocorre na região do Agreste, e, nesse ciclo, ainda não foi iniciado.

FEIJÃO-CAUPI

Pernambuco: o plantio ocorre na região do Agreste, e, nesse ciclo, ainda não foi iniciado.

Bahia: o cultivo se concentra na região nordeste do estado, e ali, apenas algumas áreas já começaram a semeadura, aproveitando-se de chuvas esparsas que ocorreram no local, ao final de abril. No geral, a maioria dos produtores estão esperando uma maior regularidade das precipitações para realizar o plantio em melhores condições de desenvolvimento inicial.

QUADRO 5 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS E DE TEMPERATURA E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS – FEIJÃO TERCEIRA SAFRA

Legenda – Condição hídrica								
	Favorável		Baixa Restrição - Falta de Chuva		Baixa Restrição - Excesso de Chuva		Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas	
	Média Restrição - Falta de Chuva		Média Restrição - Excesso de Chuva		Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas		Alta Restrição - Falta de Chuva	
	Alta Restrição - Falta de Chuva		Alta Restrição - Excesso de Chuva		Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas			

UF	Mesorregiões	Produção* %	Feijão terceira safra - Safra 2024/25					
			ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET
TO	Ocidental do Tocantins	4,55			S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C
PE	Agreste Pernambucano	4,03		S/E/DV	E/DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C
BA	Nordeste Baiano	3,51	S/E	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	M/C
MT**	Norte Mato-grossense	18,95			S/E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C
GO**	Noroeste Goiano	4,96	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	EG/M/C	C
	Norte Goiano	1,41	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	EG/M/C	C
	Leste Goiano	8,61	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	EG/M/C	C
	Sul Goiano	8,16	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	EG/M/C	C
DF**	Distrito Federal	2,14	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	EG/M/C	C
MG**	Noroeste de Minas	18,76	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	C
	Norte de Minas	1,50	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	C
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba	2,48	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	C
	Ribeirão Preto	1,24			S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C
SP**	Bauru	4,86			S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C
	Itapetininga	6,10			S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita; (**) Total ou parcialmente irrigado.

Fonte: Conab. *IBGE (PAM 2023) / Conab.

ANÁLISE DE OFERTA E DEMANDA

FEIJÃO-COMUM CORES

Em abril e nesse início de maio, o mercado atacadista de São Paulo operou com baixo volume de entradas, e a pouca disponibilidade do produto extra contribuiu para a estabilidade do grupo carioca, atingindo principalmente os lotes de mercadorias mais claras com cor nota 8,5 para cima, que continuam escassas. A demanda favoreceu o escoamento de boa parte das ofertas no disponível, e as sobras foram, quase que na totalidade, de mercadorias de baixa qualidade de grãos.

Apesar da preferência da demanda pelo produto extra ou similar, muitos compradores, sem alternativas devido à cotação elevada do produto em questão, acabaram optando por tipos inferiores, em vista das dificuldades encontradas no giro das mercadorias de maior valor.

A oferta segue formada basicamente de grão comercial, que se avoluma a cada dia, influenciando numa melhor formação dos preços. Cabe esclarecer que continua grande a dificuldade em vender os lotes mais escuros de produto com cor nota 7,5 para baixo. A maioria dos lotes de produto extra novo continua sendo proveniente de Minas Gerais e, em menor quantidade, de Goiás (câmara fria).

Em Goiás e principalmente em Minas Gerais, principais produtores na primeira safra, as chuvas afetaram acentuadamente o padrão de qualidade dos feijões colhidos, restringindo a oferta de produto extra. Esse padrão, escasso no mercado, além de puxar os preços para cima apresenta maior resistência nas negociações, pois seus detentores dificilmente aceitam ofertas menores que suas pedidas.

As indústrias continuam adquirindo o estritamente necessário. Ainda, a má qualidade do grão que vem sendo comercializado deixa o comprador em posição de espera por melhores condições de compras – preço e qualidade.

Nota-se que o varejo é o principal elo da cadeia produtiva do feijão, que tem dificultado uma maior comercialização, e nem mesmo a expressiva redução dos preços verificada nas gôndolas dos estabelecimentos comerciais foi suficiente para alavancar as vendas. Diante desse fato, os empacotadores estão negociando de acordo com as suas necessidades de abastecimento, mesmo cientes que os estoques ainda estão baixos, com o risco do produto ficar mais caro diante do quadro de oferta bastante ajustado.

No momento, o volume produzido atende, de uma forma bem ajustada, o mercado, em virtude, basicamente, da baixa demanda varejista. Dessa forma, as cotações devem continuar oscilando de forma positiva/negativa, de acordo com as quantidades ofertadas e suas respectivas demandas, vez que grande parte dos compradores está sem estoques regulares.

A expectativa continua focada na quantidade e na qualidade da mercadoria que vem sendo ofertada e nas condições climáticas. Observa-se que, quando os valores recebidos pelos agricultores entram em queda, os produtores adotam a estratégia de reduzir as quantidades para a venda, visando, dessa forma, melhor remuneração para o seu produto.

O mercado vem operando de forma ajustada entre a oferta e a demanda, porém dentro de uma normalidade, e espera-se que os usuais movimentos sazonais de preços devam permanecer em bons patamares, pelo menos até o avanço da colheita da segunda safra.

O movimento dos produtos comerciais em relação às mercadorias extras tem contribuído para a estabilidade dos preços no mercado. No Sul do país, notadamente no Paraná, cerca de 25% da área foi colhida e em função da expressiva redução no plantio e dos problemas climáticos que acomete o estado, os produtores seguem cautelosos nas negociações, acreditando numa melhoria dos preços.

A escassez de feijões de alta qualidade continua balizando os preços, e essa situação deve continuar pelo menos até o início da safra irrigada, prevista para meados de junho. Até lá, o mercado deve continuar limitado a volumes reduzidos e preços com pouca oscilação.

Com todos os problemas verificados nesta temporada, é difícil estimar o comportamento dos preços devido às dificuldades que as indústrias de

empacotamento vão encontrar em repassar aumentos ao setor varejista, e este aos consumidores. No entanto, em razão da menor oferta na Região Centro-Sul do país e do prolongamento da entressafra nordestina, a expectativa é que os preços continuem remuneradores. No momento, o mercado opera com baixos estoques e fica sujeito à demanda varejista.

A pressão por preços menores deve continuar, e mesmo com uma oferta ajustada às necessidades de consumo, a falta de interesse dos compradores devido aos elevados preços praticados no mercado e o avanço da colheita no Sul do país gera dúvidas quanto à sustentação.

Quanto à terceira safra ou safra de inverno, ainda em fase inicial de plantio, estima-se uma área de 422,3 mil hectares, 4,7% superior à safra anterior e uma produção de 731,5 mil toneladas. A qualidade do produto proveniente da área cultivada sob pivôs poderá proporcionar um maior interesse pelos compradores.

FEIJÃO-COMUM PRETO

O mercado segue calmo e independente da grande diferença de preços em relação ao feijão- carioca, e as cotações seguem recuando. Em algumas localidades do país, as cotações abaixo do mínimo oficial do governo é de R\$ 152,91 a saca de 60 quilos para o produto tipo 1.

Considerando apenas a safra nacional, sem somar o que vem de outros países, a produção de feijão- preto deve atender, com sobras, à demanda brasileira para o restante do ano.

Nas redes de supermercados, as diversas promoções a preços realmente baixos não estão sendo suficientes para atrair os consumidores. Diante desta situação, muitos empacotadores estão com dificuldades em negociar sua

mercadoria junto ao setor varejista, já que muitas vezes a oferta fica aquém de suas “pedidas” que, segundo eles, já estão no limite, inviabilizando, em muitos casos, a operação.

O preço do feijão-preto, mais atrativo, torna-se o principal fator para que o brasileiro prefira esse grão, diminuindo o consumo do carioca.

O prognóstico em questão foi feito com base nos dados levantados até meados de abril do corrente ano. Contudo, até o momento, as adversidades climáticas com veranicos e chuvas insuficientes e mal distribuídas estão comprometendo substancialmente o potencial produtivo das lavouras. No próximo levantamento de campo, previsto ainda para o decorrer de maio, a Conab terá um diagnóstico mais preciso quanto à real situação da safra em curso.

Em se tratando da balança comercial, de janeiro a dezembro de 2024, foram importadas 22,2 mil toneladas, ou seja, 46,8 mil toneladas a menos que o volume registrado no mesmo período de 2023. Esta redução deve-se, em parte, ao volume recorde de produção colhido na segunda safra no Paraná, quantidade superior ao consumo estimado e o maior registrado na história. Quanto às exportações, de janeiro a dezembro de 2024, foram exportadas 343,6 mil toneladas, contra 139 mil toneladas no mesmo período de 2023. Cabe esclarecer que um dos principais motivos para essa expressiva evolução foi a inesperada demanda de feijão-preto por parte dos corretores/exportadores.

Para a elaboração do balanço de oferta e demanda, para 2024/25, prevê-se o seguinte cenário: a produção da primeira e segunda safras apuradas no levantamento de campo, realizado em abril, pela Conab, foi estimada em 2.462,8 mil toneladas. Em relação à terceira safra, cujo plantio teve início em abril, safra de inverno, foi considerado um volume de 766,2 mil toneladas,

3% inferior ao registrado na temporada anterior, totalizando 3.229 mil toneladas, 1% abaixo.

Neste cenário, partindo-se do estoque inicial de 152,2 mil toneladas, a manutenção do consumo em 3,05 milhões de toneladas, as importações projetadas em 50 mil toneladas, e as exportações de 169 mil toneladas, o resultado será um estoque final de 212,2 mil toneladas, correspondente a um mês e meio de consumo.

TABELA 10 - BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA - FEIJÃO - EM MIL T

SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE FINAL
2018/19	307,3	3.017,7	150,8	3.475,8	3.050,0	166,1	259,7
2019/20	259,7	3.222,1	113,6	3.595,4	3.150,0	176,7	268,7
2020/21	268,7	2.893,8	83,1	3.245,6	2.893,8	223,7	128,1
2021/22	128,1	2.990,2	76,1	3.194,4	2.850,0	136,1	208,3
2022/23	208,3	3.036,7	69,0	3.314,0	2.850,0	139,0	325,0
2023/24	325,0	3.198,6	22,2	3.545,8	3.050,0	343,6	152,2
2024/25	mar/25	197,9	3.312,7	50,0	3.560,6	3.050,0	341,6
	abr/25	152,2	3.229,0	50,0	3.431,2	3.050,0	212,2

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em maio/2025.

Estoque de passagem - 31 de dezembro.

Para mais informações sobre o progresso da safra de feijão, [clique aqui](#).



MILHO

ÁREA

21.387,2 mil ha

+1,6%

PRODUTIVIDADE

5.933 kg/ha

+8,1%

PRODUÇÃO

126.878,8 mil t

+9,9%

Comparativo com safra anterior.

Fonte: Conab.

MILHO PRIMEIRA SAFRA

TABELA 11 - MILHO PRIMEIRA SAFRA

SAFRA		ÁREA (em mil ha)	PRODUTIVIDADE (kg/ha)	PRODUÇÃO (em mil t)
2018/19		4.103,9	6.249	25.646,7
2019/20		4.235,8	6.065	25.689,6
2020/21		4.348,4	5.686	24.726,5
2021/22		4.549,2	5.501	25.026,0
2022/23		4.444,0	6.160	27.373,2
2023/24		3.970,1	5.784	22.962,2
2024/25	Abr./25	3.768,7	6.492	24.465,4
	Mai./25	3.750,1	6.583	24.688,4

Fonte: Conab.

No início de maio, a colheita da primeira safra de milho alcançou 78% da área semeada, e a redução das precipitações favoreceu esse desempenho. Em São Paulo e Paraná, ela já foi encerrada, e boas produtividades foram alcançadas.

Os rendimentos em todos os estados continuam superando as estimativas iniciais e os resultados da última safra. A maioria das áreas em campo se

encontra em enchimento de grãos e maturação, e estão em boas condições.

Para a safra 2024/25, o plantio ocorreu em 3.750,1 mil hectares, 5,5% inferior ao registrado na última safra, mas é esperada uma produção de 24.688,4 mil toneladas, 7,5% superior ao último ciclo.

ANÁLISE ESTADUAL

Rio Grande do Sul: assim como em março, a evolução da colheita em abril seguiu evoluindo lentamente, principalmente nos dois primeiros decêndios do mês. Com a finalização da colheita da soja em algumas propriedades, a colheita do cereal foi retomada, alcançando 90% da área cultivada. O restante das áreas se encontra com 3% em enchimento de grãos e 7% em maturação.

Para maio, com a maturação das lavouras semeadas na safrinha, em sucessão a outros cultivos na primavera e início do verão, e nas regiões mais frias, região de Bom Jesus, que cultivam mais tarde, é esperada que boa parte das lavouras restantes sejam colhidas. As lavouras que persistem no campo apresentam potencial produtivo reduzido. As áreas semeadas entre dezembro e fevereiro sentiram os efeitos da estiagem e de ondas de calor que atingiram praticamente todos os estágios fenológicos do ciclo das plantas.

Estas lavouras, naturalmente com menor potencial produtivo em razão do menor fotoperíodo e temperaturas do período em que são cultivadas, apresentam potencial de produtividade inferior às lavouras semeadas em setembro e outubro. As chuvas observadas no início de abril ajudaram as lavouras em campo, mas foram insuficientes para a recuperação do potencial produtivo. A estimativa é que a produtividade média destas lavouras fique

em torno de 4.000 kg/ha.

Com o avançar da colheita, a consolidação das produtividades das lavouras colhidas no início da janela de colheita, a partir de dezembro de 2024, e as perdas observadas nas lavouras semeadas tardiamente, realizamos ajuste da estimativa de produtividade médias das lavouras para 7.660 kg/ha. A área também foi ajustada. Algumas áreas da safrinha, em razão do baixo potencial para a produção de grãos, foram direcionadas para a produção de silagem. A nova estimativa da área cultivada, 718,4 mil hectares, representa uma redução de 0,2% em relação ao mês anterior.

Paraná: a colheita foi finalizada no início de maio. Com condições climáticas favoráveis, na maior parte do ciclo, esta pode ser considerada uma das melhores safras dos últimos tempos. Durante abril, as condições climáticas permaneceram como as do mês passado, ou seja, com precipitações irregulares, tanto na distribuição espacial como na distribuição temporal, com um certo alívio nas temperaturas, que estavam muito altas.

Santa Catarina: a colheita se aproxima da finalização, com 98% da área já trilhada no início de maio. Nas regiões da serra e planaltos, a colheita ainda ocorre, e as produtividades obtidas vêm superando as expectativas iniciais. Há produtividades nos municípios amostrados que estão acima dos 12.000 kg/ha.

No meio-oeste, a colheita do milho atinge 98% da área cultivada. A produtividade atual vem se mostrando muito superior ao estimado inicialmente, com pontuais chegando a mais de 13.000 kg/ha, dependendo da região produtora e clima atuante ao longo do ciclo. As médias produtivas mais elevadas são observadas, principalmente, nas lavouras plantadas mais cedo, as quais se desenvolveram sob melhores condições climáticas.

Nas lavouras mais tardias, períodos de falta de chuva e altas temperaturas interferiram negativamente na produtividade em alguns locais, embora pouco representativos em relação ao todo. Nestas, as produtividades podem não ser tão altas, mas ainda assim devem ser positivas. O grão colhido vem apresentando boa qualidade, devendo ser bem aproveitado para produção de ração animal e demais usos.

Já no extremo-oeste do estado, a colheita está concluída. O produto colhido é de boa qualidade e produtividade satisfatória, superando, em muitos casos, as projeções iniciais. De um modo geral a safra de milho no estado está praticamente definida, tendo sofrido pouco impacto com a estiagem.

Minas Gerais: a estiagem prolongada, entre fevereiro e março, atingiu mais de 40 dias sem precipitação em alguns municípios produtores, principalmente nas regiões noroeste e triângulo mineiro. Nesse período, as lavouras de milho se encontravam em fase de enchimento de grãos, e as mais adiantadas na transição para maturação. Assim, as lavouras semeadas mais precocemente e as cultivadas sob pivô central sofreram menos os impactos desse veranico.

Já as lavouras semeadas mais tardiamente sofreram mais intensamente os efeitos da estiagem, pois estavam em pleno período reprodutivo e atravessaram boa parte do período de enchimento de grãos, com umidade do solo limitada. Porém, dado o excepcional clima ao longo do início do ciclo até o final de janeiro, as lavouras alcançaram um bom desempenho produtivo, alcançando 6.204 kg/ha, o que é 8,8% superior à produtividade alcançada na safra passada.

São Paulo: a colheita da primeira safra de milho foi finalizada com boas produtividades obtidas.

Goiás: desde outubro, o regime hídrico favorável tem beneficiado as lavouras em todas as suas fases, desde a vegetativa, passando pela floração e enchimento de grãos. As lavouras remanescentes estão em boas condições. A colheita atingiu 55% da área semeada no início de maio.

Todas as lavouras remanescentes estão em fase de maturação, aguardando apenas obtenção de umidade ideal. No sudoeste, a colheita das lavouras está sendo destinadas para a fabricação de etanol, com áreas alcançando a produtividade de até 10.000 kg/ha. A área do estado mantém-se em 149 mil hectares, e a produtividade estimada é 9.749 kg/ha

Mato Grosso do Sul: a colheita do cereal segue em ritmo acelerado na região norte do estado, encaminhando-se para uma excelente produtividade e bons preços praticados no mercado. No entanto, os altos volumes de chuva interromperam os trabalhos de colheita após a primeira quinzena desse período.

Distrito Federal: a colheita foi finalizada, e as condições climáticas durante o ciclo foram favoráveis, com chuvas regulares e temperaturas adequadas, contribuindo para o bom desenvolvimento das lavouras.

Bahia: a colheita avança na região oeste obtendo-se boa produtividade e grãos com ótima qualidade, alcançando mais de 80% da área cultivada. Apesar dos bons resultados obtidos, a infestação de cigarrinha, lagartas e doenças de colmo limitaram o desempenho das lavouras, e a necessidade do controle onerou o custo de produção. Nas regiões centro-norte e sul, a safra está praticamente finalizada, e o ano agrícola foi de grandes perdas financeiras, com baixa produtividade devido à irregularidade das chuvas. Estima-se que 46% das lavouras foram perdidas.

Piauí: as lavouras se desenvolviam em boas condições até a primeira quinzena de fevereiro, porém, a partir deste período registrou-se um longo veranico, com algumas áreas contabilizando até 30 dias sem ocorrência de chuvas, e esta situação prejudicou as lavouras que se encontravam em momento crítico de enchimento de grãos. A colheita foi iniciada e alcançou



Foto 4 - Milho 1ª safra - Maturação - Buriti dos Lopes-PI

Fonte: Conab.

14% da área semeada no início de maio. No sudeste e parte do centro-norte, onde prevalece a agricultura familiar, a situação continua crítica devido à irregularidade das chuvas.

Maranhão: a colheita iniciou-se em algumas unidades produtivas da região de Balsas, mas de forma relativamente tímida, devendo intensificar-se após a primeira quinzena de maio. As estimativas de produtividade apontam para rendimento superior ao obtido na última safra.

Pará: o clima favoreceu as lavouras de milho em todo o estado, com chuvas regulares e bem distribuídas. A colheita alcançou 92% da área cultivada no início de maio.

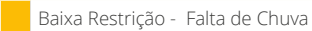
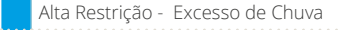
Tocantins: a colheita foi iniciada pontualmente em algumas regiões e deve se intensificar em maio. As condições climáticas foram favoráveis ao desenvolvimento do cereal durante todo o ciclo da cultura. Na região de Dianópolis, principal do estado na primeira safra, algumas áreas podem alcançar até 12.000 kg/ha.

Rondônia: a regularidade das chuvas proporcionou um bom desenvolvimento vegetativo das plantas em todas as regiões produtoras no estado, garantindo também que a fase reprodutiva superasse as expectativas, proporcionando melhor formação dos grãos e garantindo boas produtividades. A colheita já foi finalizada.

QUADRO 6 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS E DE TEMPERATURA E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS - MILHO PRIMEIRA SAFRA

Legenda - Condição hídrica																			
	Favorável		Baixa Restrição - Falta de Chuva		Baixa Restrição - Excesso de Chuva		Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas		Média Restrição - Falta de Chuva		Média Restrição - Excesso de Chuva		Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas		Alta Restrição - Falta de Chuva		Alta Restrição - Excesso de Chuva		Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
UF	Mesorregiões	Produção* %	Milho primeira safra - Safra 2024/2025																
			AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL					
PA	Sudeste Paraense	1,85						S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	M/C							
TO	Ocidental do Tocantins	0,90					S/E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M	EG/M/C	M/C	C						
	Oriental do Tocantins	0,63					S/E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M	EG/M/C	M/C	C						
MA	Oeste Maranhense	1,43						S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C					
	Centro Maranhense	0,58						S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C					
	Leste Maranhense	0,49						S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C					
	Sul Maranhense	3,36					S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C							
PI	Sudoeste Piauiense	7,00				S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C							
BA	Extremo Oeste Baiano	8,11		S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M	M/C	M/C	C	C						
MT	Norte Mato-grossense	0,77		S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	M/C	C									
GO	Centro Goiano	0,53		S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	M/C	C	C								
	Leste Goiano	1,89		S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	M/C	C	C								
	Sul Goiano	2,40		S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	M/C	C	C								

Legenda - Condição hídrica

UF	Mesorregiões	Produção* %	Milho primeira safra - Safra 2024/2025											
			AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL
MG	Noroeste de Minas	3,35			S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	C	C		
	Norte de Minas	0,71			S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	C	C		
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba	5,78			S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	C	C		
	Oeste de Minas	1,58			S/E/DV	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	C		
	Sul/Sudoeste de Minas	3,98			S/E/DV	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	C		
	Campo das Vertentes	2,15			S/E/DV	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	C		
	Zona da Mata	0,57			S/E/DV	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	C		
SP	São José do Rio Preto	0,67			S/E/DV	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	M/C	C			
	Ribeirão Preto	0,65			S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	M/C	C			
	Bauru	0,98			S/E/DV	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C			
	Campinas	1,57			S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	M/C	C			
	Itapetininga	2,00			S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C			
	Macro Metropolitana Paulista	0,72			S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C			
	Norte Pioneiro Paranaense	0,62			S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C			
PR	Centro Oriental Paranaense	3,05		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C			
	Oeste Paranaense	0,65		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C			
	Sudoeste Paranaense	1,15		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C			
	Centro-Sul Paranaense	3,74		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C			
	Sudeste Paranaense	2,14		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C			
	Metropolitana de Curitiba	1,78		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C			
	Oeste Catarinense	5,02		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	EG/M/C	M/C	C	C		
SC	Norte Catarinense	1,26		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	C		
	Serrana	1,70		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	C		
	Vale do Itajaí	0,71		S/E/DV	E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C	C	C		
	Sul Catarinense	0,49		S/E/DV	E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C	C	C		
	Noroeste Rio-grandense	8,44	S/E	S/E/DV	E/DV/F	F/EG	F/EG/M	EG/M/C	EG/M/C	M/C	C	C		
RS	Nordeste Rio-grandense	2,68		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	C		
	Centro Ocidental Rio-grandense	0,47	S/E	S/E/DV	E/DV/F	F/EG	F/EG/M	EG/M/C	EG/M/C	M/C	C	C		
	Centro Oriental Rio-grandense	1,15		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	EG/M/C	M/C	C	C		
	Metropolitana de Porto Alegre	0,59		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	C		
	Sudoeste Rio-grandense	0,75	S/E	S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	C		
	Sudeste Rio-grandense	0,55		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	C		

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita.

Fonte: Conab. *IBGE (PAM 2023) / Conab.

MILHO SEGUNDA SAFRA

TABELA 12 - MILHO SEGUNDA SAFRA

SAFRA		ÁREA (em mil ha)	PRODUTIVIDADE (kg/ha)	PRODUÇÃO (em mil t)
2018/19		12.878,0	5.682	73.177,7
2019/20		13.755,9	5.456	75.053,2
2020/21		14.999,6	4.050	60.741,6
2021/22		16.369,3	5.247	85.892,4
2022/23		17.192,7	5.954	102.365,1
2023/24		16.437,4	5.491	90.057,8
2024/25	Abr./25	16.895,0	5.794	97.890,9
	Mai./25	16.987,5	5.875	99.803,4

Fonte: Conab.

Com o plantio finalizado em todas as regiões produtoras, as atenções agora se voltam para as condições climáticas de maio, que serão decisivas em alguns estados.

Na maioria das regiões produtoras, as precipitações ocorridas favoreceram o desenvolvimento do cereal, que apresenta bom potencial produtivo, principalmente no Mato Grosso. Em alguns estados, como Minas Gerais e Mato Grosso do Sul, os veranicos ocorridos no início da implantação do cereal afetaram o potencial produtivo da cultura. Porém, as boas precipitações ocorridas em março e abril ajudaram na recuperação de parte das áreas e favoreceram os cultivos tardios.



Foto 5 - Milho 2ª safra enchimento de grãos Feliz Natal MT

Fonte: Conab.

Nesta safra, o plantio foi estimado em 16.987 mil hectares, área 3,3% superior à cultivada no último ciclo.

ANÁLISE ESTADUAL

Mato Grosso: o regime de chuvas ainda está de acordo com a exigência do cereal, fato que reflete no bom vigor da cultura, principalmente nos talhões que foram semeados fora da janela ideal de cultivo. A ocorrência de chuvas regulares e bem distribuídas das últimas semanas tem aumentado a expectativa de uma safra abundante no estado. O status fitossanitário



Foto 6 - Milho 2ª safra - Desenvolvimento vegetativo - Marialva-PR

Fonte: Conab.

é considerado normal, sem relatos de ocorrências anormais ou surtos de pragas e doenças que demandem intervenções emergenciais.

Paraná: durante o presente mês, as condições climáticas permaneceram como as do mês passado, ou seja, com precipitações irregulares, tanto na distribuição espacial como na distribuição temporal, com um certo alívio nas temperaturas, que estavam muito altas.

As condições são boas na maioria das lavouras, e houve incremento da área neste levantamento devido à troca de cultivos de feijão cores e preto, pelo

cereal, tendo em vista que estas culturas tiveram na última safra ataque severo de mosca- branca, assim como, por questões de mercado.

Mato Grosso do Sul: apesar das condições climáticas favoráveis no período, houve aumento populacional de cigarrinhas nas lavouras mais jovens e de pulgão naquelas que entraram em florescimento, demandando intensificação na pulverização de inseticidas. Além disso, o excesso de umidade também favoreceu a incidência de doenças fúngicas como a helminthosporiose, diplodia, bipolaris e cercospora, cuja ocorrência variou conforme a susceptibilidade do híbrido, gerando mudanças nos investimentos inicialmente planejados pelos produtores devido à necessidade de acréscimo no número de aplicações de fungicidas. Até o momento, as lavouras da região norte apresentam umidade suficiente para o bom desenvolvimento do cereal. Na região centro-sul do estado, as chuvas ocorridas proporcionaram umidade suficiente às lavouras que vinham sendo prejudicadas pela restrição hídrica, recuperando parte do potencial produtivo.

Minas Gerais: neste levantamento registramos correção positiva na área cultivada, na ordem de 4,8% em relação ao levantamento anterior, totalizando 439,9 mil hectares. Segundo relatos, essas áreas foram semeadas fora da janela, na primeira quinzena de março, beneficiadas, portanto, pelas melhores condições climáticas que sucederam esse momento.

Conforme já pontuamos no levantamento anterior, temos dois cenários das lavouras de milho segunda safra. Aquelas semeadas dentro da janela, ainda em fevereiro, possuem potencial produtivo reduzido, com falhas no estande, porte reduzido e espigas pequenas, resultado das condições adversas enfrentadas durante o veranico de fevereiro/março.

Nessas áreas, as operações de fertilização e pulverização foram realizadas fora do período adequado devido à ausência de condição climática ideal. Porém, muitas das lavouras que já eram dadas como perdidas foram beneficiadas pelas chuvas dos últimos 30 dias e ainda conseguirão entregar uma produção que justifique a colheita. Por outro lado, as lavouras semeadas tardiamente estão sendo beneficiadas pelas melhores condições climáticas, apresentando melhor potencial que as primeiras, até este momento. Outro fator que pesa positivamente é um aumento do cultivo em áreas irrigadas, principalmente na região noroeste do estado, em virtude da recuperação recente nas cotações do cereal.

Destacamos que a menor luminosidade e piores condições de umidade do solo a partir de agora tendem a reduzir a produtividade das áreas mais tardias. Em relação aos aspectos fitossanitários, a cigarrinha exerce elevada pressão. Porém, o problema mais sério são os danos causados pelas lagartas, uma vez que a tecnologia da maioria dos híbridos para esta praga foi quebrada, aumentando assim, o custo de produção em decorrência das pulverizações que visam controlar essas duas pragas.

Goiás: a umidade do solo continua beneficiando o desenvolvimento da cultura. As chuvas de abril, que superaram a média histórica em muitas regiões, elevaram o armazenamento de água no solo e contribuíram para a recuperação de lavouras com estresse hídrico em março. Todavia, a recuperação total do potencial produtivo das lavouras depende de mais chuvas.

Apesar do curto período para o plantio do milho safrinha, as condições climáticas e a colheita eficiente da soja permitiram que os produtores realizassem a semeadura dentro da janela de cultivo ideal. O manejo empregado foi adequado, caracterizado por baixa pressão de pragas

e, conseqüentemente, menor aplicação de defensivos. No estado, o desenvolvimento do milho safrinha se encontrava nas seguintes fases: 20% vegetativa, 50% floração e 30% enchimento de grãos. Estima-se que pelo menos 20% das lavouras no estado ainda necessitem de chuvas para atingir o potencial produtivo esperado.

São Paulo: a maioria das áreas se encontra nos estágios reprodutivos, e as condições climáticas têm sido favoráveis na maioria das lavouras semeadas.

Distrito Federal: as lavouras apresentam desempenho positivo, impulsionadas pelas condições climáticas favoráveis e práticas agrícolas eficientes. Durante o período de fevereiro a abril, as chuvas foram regulares, proporcionando umidade adequada ao solo, para o desenvolvimento das plantas. Após esse período, o clima mais seco contribuiu para a sanidade das lavouras, reduzindo a incidência de doenças e pragas. Essas condições



Foto 7 - Milho 2ª safra - Enchimento de grãos - Buriti dos Lopes-PI

Fonte: Conab.

favoreceram o desenvolvimento da cultura, mas as áreas semeadas tardiamente ainda necessitam de precipitações para encerrar o ciclo satisfatoriamente. A colheita deverá se iniciar em julho, estendendo-se até meados de agosto.

Maranhão: as condições climáticas continuam favoráveis ao desenvolvimento do cereal em praticamente todo o estado. Elas favorecem o desenvolvimento da cultura desde a região de Balsas, no sudeste, onde as lavouras já entraram nos estádios reprodutivos, até a região de Buriticupu, no noroeste, onde o cereal é semeado mais tarde devido ao regime climático diferenciado.

Piauí: a maioria das áreas se encontrava em enchimento de grãos no início de maio, apresentando bom desenvolvimento, porém a ocorrência de precipitações ainda é necessária para uma finalização de ciclo satisfatória.

Bahia: as lavouras apresentam bom desenvolvimento, encontrando em campo lavouras em estádios de desenvolvimento vegetativo, floração e enchimento de grãos. O regime hídrico tem favorecido a cultura. Não há relatos de perdas devido a problemas fitossanitários.

Pará: a maioria das lavouras plantadas em janeiro, na região intermediária de Redenção e da BR-163, já entraram na fase reprodutiva, enquanto as áreas semeadas nas regiões de Santarém e Paragominas se encontram em diversos estádios de desenvolvimento. As boas e regulares precipitações que ocorrem em todas as regiões do estado favorecem o desenvolvimento do cereal a expressar todo o seu potencial produtivo.

Rondônia: apesar do excesso de precipitações ocorridas durante a implantação e desenvolvimento inicial do cereal, a cultura apresenta bom desenvolvimento, com grande parte das áreas já entrando nos estádios reprodutivos e com bom potencial produtivo.

QUADRO 7 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS E DE TEMPERATURA E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS - MILHO SEGUNDA SAFRA

Legenda – Condição hídrica											
	Favorável		Baixa Restrição - Falta de Chuva		Baixa Restrição - Excesso de Chuva		Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas				
			Média Restrição - Falta de Chuva		Média Restrição - Excesso de Chuva		Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas				
			Alta Restrição - Falta de Chuva		Alta Restrição - Excesso de Chuva		Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas				
UF	Mesorregiões	Produção* %	Milho segunda safra - Safra 2024/25								
			JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET
RO	Leste Rondoniense	1,40		S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/MC	M/C	C	
PA	Baixo Amazonas	0,41		S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/MC	EG/MC	C	
	Sudeste Paraense	0,55		S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/MC	EG/MC	C	
TO	Ocidental do Tocantins	0,95	S/E	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	M/C	M/C		
	Oriental do Tocantins	0,97	S/E	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	M/C	M/C		
MA	Sul Maranhense - MA	0,83	S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	M/C	C	
PI	Sudoeste Piauiense	0,67		S/E	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	M/C	C	
MT	Norte Mato-grossense	32,89	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C		
	Nordeste Mato-grossense	8,14	S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Sudoeste Mato-grossense	0,79	S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Centro-Sul Mato-grossense	0,64	S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Sudeste Mato-grossense	5,87	S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
MS	Centro Norte de Mato Grosso do Sul	2,63	S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	C
	Leste de Mato Grosso do Sul	0,96	S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	C
	Sudoeste de Mato Grosso do Sul	9,16	S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	EG/M/C	M/C	C
GO	Norte Goiano	0,25	S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Centro Goiano	0,58	S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Leste Goiano	1,08	S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Sul Goiano	10,71	S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
DF	Distrito Federal	0,19	S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
MG	Noroeste de Minas	0,85	S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M	M/C	C	
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba	1,51	S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Sul/Sudoeste de Minas	0,29		S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
SP	Ribeirão Preto	0,19		S/E	E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	M/C	C
	Bauru	0,19		S/E	E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	M/C	C
	Assis	1,28		S/E	E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	M/C	C
	Itapetininga	0,51		S/E	E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	M/C	C
PR	Noroeste Paranaense	0,98	S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	C	
	Centro Ocidental Paranaense	2,21	S/E	S/E/DV	E/DV	F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Norte Central Paranaense	3,39		S/E/DV	E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	M/C	C
	Norte Pioneiro Paranaense	1,56		S/E/DV	E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	M/C	C
	Oeste Paranaense	4,86	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Sudoeste Paranaense	0,40	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita.

Fonte: *IBGE (PAM 2023)/Conab.

MILHO TERCEIRA SAFRA

TABELA 13 - MILHO TERCEIRA SAFRA

SAFRA		ÁREA (em mil ha)	PRODUTIVIDADE (kg/ha)	PRODUÇÃO (em mil t)
2018/19		511	2.385	1.218,70
2019/20		535,6	3.305	1.843,60
2020/21		595,6	2.734	1.628,50
2021/22		662,1	3.341	2.211,90
2022/23		637,1	3.664	2.334,60
2023/24		643,1	3.856	2.480,30
2024/25	Abr./25	649,4	3.676	2.387,10
	Mai./25	649,4	3.676	2.387,10

Fonte: Conab.

O atraso na regularização das chuvas impediu a realização do plantio em praticamente todas as regiões que cultivam a terceira safra. Ele ocorreu pontualmente em algumas áreas da Bahia e Sergipe. A área a ser semeada ainda não foi definida pelos produtores devido ao alto custo de produção e à insegurança climática.

OFERTA E DEMANDA

Para a safra 2024/25, a Conab prevê uma produção total de 126,9 milhões de toneladas de milho, o que representa um acréscimo de 9,9% em relação à safra anterior. Essa expansão decorre, principalmente, da recuperação esperada da produtividade e do aumento da área plantada com milho de segunda safra. Cabe destacar que a Conab projeta um crescimento de 1,6% na área total cultivada e um acréscimo de 8,1% na produtividade do setor.

Quanto à demanda doméstica, a companhia estima que 89,3 milhões de toneladas de milho da safra 2024/25 serão consumidas internamente ao longo de 2025 — um aumento de 6,3% em comparação com a safra anterior, impulsionado pela crescente produção de etanol de milho.

No que diz respeito à balança comercial, o volume total de importações na safra 2023/24 foi de 1,6 milhão de toneladas em razão da redução do excedente produtivo nacional. Para a safra 2024/25, projeta-se um comportamento próximo à estabilidade nas importações, diante da expectativa de manutenção do cenário de menor excedente produtivo no país.

Em relação às exportações, diante da menor oferta nacional na safra 2023/24, o Brasil comercializou 38,5 milhões de toneladas, volume 29,5% inferior ao registrado na safra 2022/23. Para a safra 2024/25, a perspectiva é de uma nova leve redução nas exportações em razão do aumento consistente da demanda interna por milho e da consequente diminuição da oferta disponível para o mercado internacional.

Como resultado, o estoque de milho em fevereiro de 2026 — ao fim do ano-safra 2024/25 — deverá atingir 7,3 milhões de toneladas, representando um crescimento de 257,8% em relação ao volume da safra 2023/24.

TABELA 14 - BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA - MILHO - EM MIL T

SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE FINAL
2018/19	14.558,9	100.042,7	1.596,4	116.198,0	61.937,4	41.074,0	13.186,6
2019/20	13.186,6	102.586,4	1.453,4	117.226,4	67.021,4	34.892,9	15.312,1
2020/21	15.312,1	87.096,8	3.090,7	105.499,6	71.168,6	20.815,7	13.515,3
2021/22	13.515,3	113.130,4	2.615,1	129.260,8	74.534,6	46.630,3	8.095,9
2022/23	8.095,9	131.892,6	1.313,2	141.301,7	79.466,0	54.634,4	7.201,3
2023/24	7.201,3	115.500,0	1.644,7	124.346,0	83.995,5	38.500,9	1.849,6
2024/25	abr/25	2.046,8	124.743,4	1.700,0	128.490,2	87.097,9	7.392,3
	mai/25	1.849,6	126.878,6	1.700,0	130.428,2	89.301,8	7.126,4

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em abril/2025.

Estoque de passagem 31 de janeiro.

Para mais informações sobre o progresso da safra de milho, [clique aqui](#).



SOJA

ÁREA

47.612,7 mil ha
+3,2%

PRODUTIVIDADE

3.536 kg/ha
+10,5%

PRODUÇÃO

168.341,8 mil t
14,0%

Comparativo com safra anterior.

Fonte: Conab.

TABELA 15 - EVOLUÇÃO DA SÉRIE HISTÓRICA - SOJA

SAFRA		ÁREA (em mil ha)	PRODUTIVIDADE (kg/ha)	PRODUÇÃO (em mil t)
2018/19		35.874	3.337	119.718,1
2019/20		37.229,7	3.381	125.884,2
2020/21		39.762	3.525	140.179,3
2021/22		41.793,8	3.026	126.479,6
2022/23		44.384,0	3.508	155.713,4
2023/24		46.149,6	3.201	147.721,3
2024/25	Abr./25	47.515,7	3.533	167.869,8
	Mai./25	47.612,7	3.536	168.341,8

Fonte: Conab.

A colheita alcançou 97,7% da área cultivada na primeira semana de maio, e a safra 2024/25 continua confirmando-se como a maior já colhida na história do país. No Centro-Oeste, Sudeste, Paraná e Tocantins ela já foi concluída. Com exceção do Mato Grosso do Sul, todos os estados obtiveram rendimentos superiores aos estimados inicialmente.

Em Minas Gerais, São Paulo, Goiás, Mato Grosso, Bahia, Rondônia e Tocantins, as produtividades alcançadas foram recordes da série histórica da Conab.

Esses ótimos rendimentos foram reflexo de condições climáticas favoráveis e do alto grau de profissionalismo dos produtores.

No Rio Grande do Sul, após um início de safra promissor, com boas precipitações que permitiram um bom estabelecimento da cultura, voltou a sofrer os impactos de veranicos, altas temperaturas e irregularidades das precipitações a partir de dezembro, situação que continuou até o fim de fevereiro e que afetou drasticamente as lavouras em grande parte do estado.

A produção estimada para a safra 2024/25 é de 168.341,8 mil toneladas, 14% superior à da safra 2023/24 e 8,1% superior ao recorde anterior da safra 2022/23. A produtividade média está estimada em 3.536 kg/ha, também superando o recorde da safra 2020/21.

ANÁLISE ESTADUAL

Mato Grosso: a colheita foi finalizada no final de abril, e os resultados obtidos foram os melhores da série histórica do estado, reflexo das ótimas condições climáticas e do profissionalismo dos produtores. A estimativa é de uma produtividade de 3.903 kg/ha e uma produção de 49.719,1 mil toneladas.

Paraná: a colheita foi finalizada em todo o estado, e apesar de veranicos ocorridos em algumas regiões, a produtividade média estimada ficou em 3.663 kg/ha, 16,1% superior à obtida na última safra.

Mato Grosso do Sul: a colheita já foi finalizada, e os sojicultores nos municípios de Chapadão do Sul e Costa Rica registraram recordes de produtividade, porém a produtividade média na região norte ficou em 3.900 kg/ha. Por outro lado, o estresse hídrico castigou as demais regiões do estado, principalmente na fase de enchimento de grãos. Esse cenário, associado às temperaturas extremas,

impactaram diretamente o peso e volume de grãos e, consequentemente, reduzindo a produção final do estado.

Rio Grande do Sul: diferente do final da safra passada, as condições meteorológicas, majoritariamente de tempo seco, permitiram a boa evolução da colheita da cultura no estado. O percentual da área colhida passou de 29% para 92% durante o mês. O primeiro decêndio do mês foi marcado pela ocorrência de chuvas generalizadas e em bons volumes em todas as regiões do estado.

Estas chuvas foram seguidas de dias de tempo seco, que permitiram pequenas janelas de colheita. Mas a maior evolução ocorreu a partir do segundo decêndio, quando o tempo seco perdurou por um período de 15 dias. No início de maio, a colheita já havia sido realizada em 92% da área cultivada e, diante das projeções de tempo seco para os próximos dias, deverá evoluir rapidamente e ser concluída nas primeiras semanas de maio. No campo ainda existia uma parcela da área no enchimento de grãos e em maturação.

No campo algumas lavouras de soja surpreenderam positivamente, apresentando uma performance acima das expectativas, mais de 3.300 kg/ha, mas foram casos isolados.

Apesar do investimento dos produtores, o que mais se observou foram plantas de estatura baixa, poucas vagens, vagens falhadas, grãos pequenos, leves e verdes e produtividades baixas. Em parte da produção espera-se perdas do rendimento da indústria na extração de óleo e proteína dos grãos. Apesar de terem conseguido realizar a colheita sem maiores dificuldades em termos de tempo, a conjuntura da cultura no estado gera descontentamento dos produtores. A principal delas é a produtividade obtida, muito abaixo da esperada e, na maioria dos casos, insuficiente para cobrir os custos variáveis de produção.

Condição que se repete pela quarta safra consecutiva. Em algumas regiões, os produtores ainda tiveram que forçar a maturação das plantas para que a colheita fosse possível, haja vista a maturação irregular em razão da estiagem, tornando o custo de produção ainda maior.

A estimativa de produtividade média da cultura foi, pelo quarto levantamento e avaliação de safra consecutivo, diminuída. A nova estimativa aponta para 2.084 kg/ha, redução de 2% em relação ao mês anterior, de 30% em relação ao estimado inicialmente pela companhia.

Santa Catarina: as chuvas irregulares neste primeiro trimestre de 2025 afetaram as lavouras de soja de safrinha que se encontravam em fase de florescimento e enchimento de grãos. Essas áreas estão concentradas nas regiões de Chapecó, São Miguel do Oeste e Xanxerê, onde são cultivadas mais de 85% da área da safrinha. A soja é cultivada pós milho, fumo e outras culturas em sucessão. O deficit hídrico afetou o desenvolvimento normal destas lavouras e impactou na produtividade em algumas áreas.

Nas regiões mais altas, como planalto e serra, a colheita avança e da mesma forma que para o milho, as condições climáticas foram benéficas para a cultura, principalmente com relação às chuvas ocorridas ao longo do ciclo, as quais favorecem o crescimento e formação de vagens e grãos.

No Meio-Oeste, a colheita está concluída em 90% das lavouras. A produtividade das primeiras áreas colhidas tem variado desde 3.000 kg/ha a mais de 4.800 kg/ha, dependendo da região, com uma média próxima de 3.600 kg/ha.

No extremo-oeste, a colheita já chega aos 84% e com boas produtividades. A ausência de chuvas nos municípios do roteiro, principalmente nos municípios próximos ao Rio Grande do Sul, continua prejudicando as plantas em floração, em formação de vagens e em enchimento de grãos. Nessas áreas afetadas

pelo estresse hídrico as plantas apresentam crescimento reduzido. Apesar do cenário negativo para as lavouras semeadas tardiamente e as de safrinha, o excelente desempenho das áreas semeadas na janela ideal de cultivo compensaram estas perdas, e a produtividade estimada para a cultura foi elevada para 3.800 kg/ha, 1,3% superior à obtida na safra passada.

Goiás: a redução das chuvas durante abril favoreceu um bom ritmo para o encerramento da colheita. As lavouras de ciclo médio e tardio foram beneficiadas pelo regime de precipitações, mesmo sendo irregulares.

A colheita encerrou-se ainda na primeira quinzena de abril. A área se manteve em 4.954 mil hectares, e a produtividade média em 4.122 kg/ha. De forma esparsa, as produtividades sofreram decréscimo em algumas localidades devido à redução de chuvas no ciclo final da cultura.

Minas Gerais: a colheita foi concluída no estado em meados de abril, onde havia apenas lavouras em regiões de clima mais ameno e materiais de ciclo mais longo, já que mais de 95% já havia sido colhido em março. O clima seco de fevereiro e da primeira quinzena de março, associado às temperaturas médias elevadas, afetou as lavouras que ainda estavam em estádios de desenvolvimento mais atrasados, que apresentaram as maiores reduções de produtividade. Por outro lado, as lavouras de ciclos curto e médio foram beneficiadas pelo clima favorável registrado entre novembro de 2024 e a primeira quinzena de janeiro de 2025, superando as previsões para essas áreas. Não podemos deixar de mencionar as lavouras irrigadas, onde obtivemos excelentes rendimentos também. Vale ressaltar que estas possuem elevada representatividade na região noroeste do estado.

São Paulo: a colheita foi finalizada com produtividades superiores às estimativas iniciais.

Distrito Federal: a colheita já foi concluída, com produtividade média de 3.725 kg/ha, superior em 7% à registrada na safra anterior. O bom desempenho da safra foi impulsionado por condições climáticas favoráveis durante o ciclo da cultura. As chuvas regulares e bem distribuídas contribuíram para o desenvolvimento saudável das plantas, resultando também em grãos de alta qualidade.

Bahia: a colheita está na fase final, com o ciclo produtivo encerrado na maior parte das áreas cultivadas. Restam apenas alguns talhões pontuais, considerados “tardios”, cuja conclusão está prevista para os próximos dias. Nessas áreas, observou-se uma queda nos rendimentos, mas que não interferiram significativamente nos ótimos rendimentos consolidados da safra.

Maranhão: após a conclusão da colheita na região de Balsas, ela avança no leste do estado, e em especial na microrregião do baixo Parnaíba maranhense. Ela deve avançar, dentro do calendário agrícola dessa região, em maio. As lavouras em sua quase totalidade apresentam um bom desenvolvimento, expressando boa sanidade. Por outro lado, na microrregião do Códó, Coelho Neto e Caxias, também pertencentes à região leste do estado, têm-se evidenciado em algumas áreas um cenário de déficit hídrico que prejudicou o potencial produtivo dessa microrregião do estado.

Piauí: a colheita se aproxima da finalização. As estimativas até meados de fevereiro eram de recordes de produtividade. Porém, os veranicos ocorridos após a segunda quinzena de fevereiro e início de março, prejudicaram muitas áreas nos municípios de Sebastião Leal, Palmeira do Piauí, Currais e parte de Uruçuí, fazendo com que neste levantamento a produtividade fosse revista para baixo.



Foto 8 - Soja - Enchimento de grãos - Cocal-PI

Fonte: Conab.



Foto 9 - Soja - Maturação - Jardim do Mulato-PI

Fonte: Conab.

Ceará: a cultura se desenvolve normalmente no estado, e nota-se um crescimento do interesse de alguns produtores no cultivo da soja, com área plantada em novos municípios.

Tocantins: a colheita já foi finalizada, e as boas produtividades alcançadas foram reflexo das ótimas condições climáticas ocorridas durante o ciclo da cultura. Nesta safra, a produtividade média estimada foi de 3.728 kg/ha, a maior já registrada no estado.

Pará: o clima seguiu favorável ao bom desenvolvimento das lavouras e às operações de colheita da cultura. No entanto, nas primeiras áreas colhidas na região intermediária de Redenção e sul da Br-163, houve excesso de chuvas e problemas com soja ardida, o que reduziu a produtividade em muitas áreas. Esse fato ocorreu também nas primeiras colheitas do polo Paragominas.

Rondônia: a intensidade das chuvas no período dificultou a finalização da colheita, pois muitos produtores, principalmente na parte centro/norte do estado, não conseguiram colocar as máquinas em campo para finalizar as atividades desta safra. Atualmente, a ocorrência das precipitações tem se distanciado em dias e intensidade, o que possibilitou o avanço da colheita, que deverá ser encerrada no início de maio. As produtividades alcançadas superaram as estimativas iniciais.

QUADRO 8 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS E DE TEMPERATURA E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS - SOJA

Legenda – Condição hídrica											
	Favorável		Baixa Restrição - Falta de Chuva		Baixa Restrição - Excesso de Chuva		Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas				
			Média Restrição - Falta de Chuva		Média Restrição - Excesso de Chuva		Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas				
			Alta Restrição - Falta de Chuva		Alta Restrição - Excesso de Chuva		Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas				
UF	Mesorregiões	Produção* %	Soja - Safra 2024/2025								
			SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI
RO	Leste Rondoniense	1,01		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C		
PA	Sudeste Paraense	1,67		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	EG/M/C	M/C	C
TO	Ocidental do Tocantins	1,65		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	EG/M/C	M/C	
	Oriental do Tocantins	1,21		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	EG/M/C	M/C	
MA	Sul Maranhense	1,43		S	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	EG/M/C	M/C	
PI	Sudoeste Piauiense	2,17		S	S/E/DV	DV/F	F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	
BA	Extremo Oeste Baiano	5,09		S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	EG/M/C	M/C	
MT	Norte Mato-grossense	17,98	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	M/C	C		
	Nordeste Mato-grossense	5,95		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Sudoeste Mato-grossense	0,76	S/E	S/E/DV	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Sudeste Mato-grossense	3,97	S/E	S/E/DV	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
MS	Centro Norte de Mato Grosso do Sul	2,07		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Leste de Mato Grosso do Sul	1,24		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Sudoeste de Mato Grosso do Sul	5,88	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	EG/M/C	M/C	C	

Continua

Legenda – Condição hídrica

Favorável	Baixa Restrição - Falta de Chuva	Baixa Restrição - Excesso de Chuva	Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
	Média Restrição - Falta de Chuva	Média Restrição - Excesso de Chuva	Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
	Alta Restrição - Falta de Chuva	Alta Restrição - Excesso de Chuva	Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas

UF	Mesorregiões	Produção* %	Soja - Safra 2024/2025								
			SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI
GO	Noroeste Goiano	0,69		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Centro Goiano	0,65		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Leste Goiano	1,85		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Sul Goiano	7,72		S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	M/C	C		
MG	Noroeste de Minas	1,60		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba	2,74		S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
SP	Assis	0,77		S/E/DV	E/DV/F	F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Itapetininga	0,91		S/E/DV	E/DV/F	F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C	C	
PR	Centro Ocidental Paranaense	1,86		S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	EG/M/C	C		
	Norte Central Paranaense	2,47		S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Norte Pioneiro Paranaense	1,24		S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Centro Oriental Paranaense	1,31		S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	
	Oeste Paranaense	2,13	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	EG/M/C	C		
	Sudoeste Paranaense	1,31	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	C	
	Centro-Sul Paranaense	1,83		S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	
	Sudeste Paranaense	0,92		S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	
SC	Oeste Catarinense	0,95		S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	EG/M/C	C	
RS	Noroeste Rio-grandense	4,07		S/E	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	F/EG/M/C	EG/M/C	M/C
	Nordeste Rio-grandense	0,71		S/E	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	F/EG/M/C	EG/M/C	M/C
	Centro Ocidental Rio-grandense	0,87		S/E	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	F/EG/M/C	M/C	C
	Sudeste Rio-grandense	0,87		S/E	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	F/EG/M/C	M/C	C
	Sudoeste Rio-grandense	1,10		S/E	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	F/EG/M/C	M/C	C

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita.

Fonte: Conab. *IBGE (PAM 2023) / Conab.

OFERTA E DEMANDA

SAFRA 2024/25

SOJA EM GRÃOS

A Conab revisou a estimativa da safra 2024/25, elevando a projeção em 472 mil toneladas. Com isso, a produção estimada passou de 167,87 milhões de toneladas para 168,34 milhões de toneladas. Esse ajuste impactou diretamente

as exportações do ano comercial de 2025, que foram revisadas para cima em 104 mil toneladas, totalizando agora 105,96 milhões de toneladas. Como consequência, os estoques finais da safra 2024/25 foram ajustados para cima, em 359 mil toneladas, encerrando-se em 2,95 milhões de toneladas. Cabe destacar que não houve alterações significativas nas estimativas de óleo e farelo de soja.

TABELA 16 - BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA - SOJA - EM MIL T

PRODUTO	SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE FINAL
SOJA EM GRÃOS	2023/24	7.136,3	147.721,1	821,0	155.678,3	56.105,7	98.814,5	758,2
	2024/25	758,2	168.341,8	500,0	169.600,0	60.683,4	105.962,9	2.953,6
FARELO	2023/24	1.877,7	40.716,4	0,7	42.594,8	18.000,0	23.133,8	1.461,0
	2024/25	1.461,0	43.757,1	1,0	45.219,1	19.500,0	23.600,0	2.119,1
ÓLEO	2023/24	310,4	10.559,7	99,2	10.969,2	9.429,0	1.367,2	173,0
	2024/25	173,0	11.361,0	50,0	11.583,9	9.961,0	1.400,0	222,9

Fonte: Conab e Secex.

Nota: Estimativa em maio/2025.

Estoque de passagem 31 de dezembro.

Para mais informações sobre o progresso da safra de soja, [clique aqui](#).



TRIGO

ÁREA

2.699,7 mil ha

-11,7%

PRODUTIVIDADE

3.058 kg/ha

+18,6%

PRODUÇÃO

8.255,3 mil t

+ 4,6%

Comparativo com safra anterior.

Fonte: Conab.

TABELA 17 - TRIGO

SAFRA		ÁREA (em mil ha)	PRODUTIVIDADE (kg/ha)	PRODUÇÃO (em mil t)
2019		2.042,4	2.657	5.427,6
2020		2.040,5	2.526	5.154,7
2021		2.341,5	2.663	6.234,6
2022		2.739,3	2.803	7.679,4
2023		3.473,4	2.331	8.096,8
2024		3.058,7	2.579	7.889,3
2025	Abr./25	2.772,8	3.056	8.472,3
	Mai./25	2.699,7	3.058	8.255,3

Fonte: Conab.

Com a safra 2025 avançando de forma gradual, a produção estimada de trigo apresenta estimativa de aumento em relação à safra anterior, totalizando 8,3 milhões de toneladas. É importante destacar que o ciclo produtivo ainda está em fase inicial, o que torna os números suscetíveis a revisões, especialmente considerando que estados de grande relevância, como Rio Grande do Sul e Santa Catarina, permanecem em fase de planejamento.

Por outro lado, Paraná, segundo maior produtor nacional, já sinalizou uma redução na área cultivada, movimento que vem sendo seguido por outros

estados que já iniciaram a temporada, como Minas Gerais, São Paulo, Goiás e Bahia.

QUADRO 9 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS E DE TEMPERATURA E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS - TRIGO

Legenda - Condição hídrica											
	Favorável		Baixa Restrição - Falta de Chuva		Baixa Restrição - Excesso de Chuva		Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas				
			Média Restrição - Falta de Chuva		Média Restrição - Excesso de Chuva		Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas				
			Alta Restrição - Falta de Chuva		Alta Restrição - Excesso de Chuva		Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas				

UF	Mesorregiões-	Produção* %	Trigo - Safra 2025								
			ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
MS	Sudoeste de Mato Grosso do Sul	1,66	S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	C			
GO	Leste Goiano**	1,03	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C			
MG	Noroeste de Minas**	0,94	S/E	E/DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C			
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba**	3,04	S/E	E/DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C			
	Sul/Sudoeste de Minas	0,93	S/E	E/DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C			
	Campo das Vertentes	0,84	S/E	E/DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C			
	Bauru	1,10	S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M	M/C			
SP	Itapetininga	4,32	S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M	M/C			
PR	Centro Ocidental Paranaense	4,98	S/E	S/E/DV	DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	C		
	Norte Central Paranaense	9,21	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	EG/M/C	C		
	Norte Pioneiro Paranaense	5,97	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C			
	Centro Oriental Paranaense	6,36		PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	
	Oeste Paranaense	4,68	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	EG/M/C	C		
	Sudoeste Paranaense	7,67		S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG	EG/M	M/C	C	
	Centro-Sul Paranaense	5,64			S	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	M/C	
	Sudeste Paranaense	1,82			S	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	M/C	
	Metropolitana de Curitiba	0,68			S	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	
	Oeste Catarinense	2,55		PS	S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	M/C	C
SC	Norte Catarinense	0,43		PS	S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	M/C	C
	Serrana	0,70		PS	S/E/DV	E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M	M/C	C
RS	Noroeste Rio-grandense	23,58		PS	S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	M/C	C
	Nordeste Rio-grandense	1,92			S	E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M	M/C	C
	Centro Ocidental Rio-grandense	2,51		PS	S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	M/C	C
	Centro Oriental Rio-grandense	0,63		PS	S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	M/C	C
	Sudoeste Rio-grandense	3,83		PS	S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	C	
	Sudeste Rio-grandense	0,75		PS	S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	C	

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita.

(**) Parte irrigado

Fonte: Conab. *IBGE (PAM 2022) / Conab.

OFERTA E DEMANDA

Em abril de 2025, o mercado brasileiro encontrava-se com uma oferta interna escassa, o que aumentou a necessidade de importações. Apesar da limitação na oferta, os outros dois pilares da formação dos preços domésticos — o câmbio e as cotações internacionais — apresentaram comportamento de baixa. Ainda assim, as cotações internas registraram valorizações. No Paraná, a média mensal foi de R\$ 80,95 a saca de 60 quilos, representando uma valorização de 4,25%. No Rio Grande do Sul, a média foi de R\$ 73,01 a saca, com valorização de 3,63%.

No mercado internacional, embora houvesse incertezas quanto aos desdobramentos da política tarifária do governo Trump, fatores como a melhora climática em importantes regiões produtoras, a fraca demanda global, a retomada das exportações russas e a proximidade da colheita no Hemisfério Norte, exerceram pressão sobre os preços. A média FOB Golfo foi cotada a US\$ 247,74 a tonelada, representando uma desvalorização de 3%.

Em abril de 2025, o Brasil importou 505 mil toneladas de trigo, sendo 52,68% oriundas da Argentina, 36,56% do Uruguai e 10,75% do Paraguai. As exportações totalizaram 120,7 mil toneladas, das quais 99,8% foram destinadas à Nigéria. O volume previsto para importações na safra atual foi reajustado de 6,4 milhões de toneladas para 6,5 milhões de toneladas.

Para a safra 2024/25, a Conab revisou as estimativas de área, produção e produtividade. A previsão é que sejam plantados 2.699,7 mil hectares (retração de 11,7%), com uma colheita de 8.255,3 mil toneladas (aumento de 4,6%) e produtividade média estimada em 3.058 kg/ha (+18,6%). Diante da redução na área plantada, o volume estimado de importações foi reajustado de 5,6 milhões de toneladas para 5,8 milhões de toneladas. Com esse cenário, a previsão é que a safra encerre com estoques finais de 1.214,5 mil toneladas.

TABELA 18 - BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA - TRIGO - EM MIL T

SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE FINAL
2019	2.609,9	5.154,7	6.676,7	14.441,3	11.860,6	342,3	2.238,4
2020	2.238,4	6.234,6	6.007,8	14.480,8	11.599,0	823,1	2.058,7
2021	2.058,7	7.679,4	6.080,1	15.818,2	11.849,8	3.045,9	922,5
2022	922,5	10.554,4	4.514,2	15.991,1	11.894,1	2.656,6	1.440,4
2023	1.440,4	8.096,8	5.702,6	15.239,8	11.943,6	2.790,9	505,3
2024*	505,3	7.889,3	6.500,0	14.894,6	11.890,6	2.000,0	1.004,0
2025**	mar/25	904,0	8.472,3	14.976,3	11.854,0	2.000,0	1.122,3
	abr/25	1.004,0	8.255,3	15.059,3	11.844,8	2.000,0	1.214,5

Fonte: Conab.

Nota: *Estimativa

**Previsão

Estoque de passagem: trigo 31 de julho.

Para mais informações sobre o progresso da safra de trigo, [clique aqui](#).



OUTRAS CULTURAS DE VERÃO

AMENDOIM

Mato Grosso do Sul: com chuvas recorrentes e poucos dias de sol, os produtores suspenderam a colheita após a primeira quinzena desse período. Nesse contexto, há um alto risco de doenças fúngicas nas lavouras por excesso de umidade, e produtores seguem monitorando e adotando práticas preventivas para garantir o potencial produtivo esperado.

A colheita do amendoim segue avançando no estado, atingindo 70% da área total, no entanto as frequentes chuvas ocorridas após a primeira quinzena desse período têm provocado atraso nas operações. Diante disso, as lavouras tardias estão apresentando alto índice de pinta-preta causado pelo fungo *Cercosporidium personatum* e, devido às chuvas recorrentes, algumas lavouras registram perdas pontuais e o aumento na concentração de aflatoxina nos grãos. Ainda assim, as produtividades são consideradas boas, e o produto comercial padrão. A comercialização do amendoim tem ganhado força nos contratos realizados à base de troca.

Minas Gerais: a colheita se encontra praticamente finalizada.

O clima seco do início de fevereiro até meados de março afetou a fase de enchimento de grãos da cultura, principalmente naquelas lavouras de terrenos mais arenosos, que são comuns na região de cultivo, o que resultou em reduções na produtividade.

Estimamos que a produção total do estado alcance 52 mil toneladas. Graças ao aumento da área cultivada em 12,4%. Assim, o total produzido teve um incremento de 12,5% em relação à safra passada.

Paraná: as condições climáticas na região de produção desta cultura, em abril, foram de precipitações irregulares, tanto na distribuição espacial como na distribuição temporal, com um certo alívio nas temperaturas, que estavam muito elevadas, o que fez a evapotranspiração reduzir, no entanto, permanece os menores níveis de água no solo, reduzindo a produtividade neste levantamento.

A cultura tem 73% da área colhida e o restante em plena maturação. A produção estimada é menor em relação à safra passada e ao último levantamento, decorrência da redução das áreas, assim como pela redução da produtividade, causada pelas condições climáticas adversas, principalmente na região do Arenito.

São Paulo: colheita finalizada. A cultura se manteve em excelentes condições, voltando a elevar sua produtividade nesta safra. O clima foi responsável pela boa produção. As primeiras lavouras semeadas, até sofreram por um período sem chuvas, mas, no cômputo geral, obtiveram melhores condições que no ciclo anterior.

QUADRO 10 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS E DE TEMPERATURA E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS- AMENDOIM PRIMEIRA SAFRA

Legenda – Condição hídrica									
	Favorável		Baixa Restrição - Falta de Chuva		Baixa Restrição - Excesso de Chuva		Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas		Média Restrição - Falta de Chuva
			Média Restrição - Excesso de Chuva		Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas		Alta Restrição - Falta de Chuva		Alta Restrição - Excesso de Chuva
			Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas						

UF	Mesorregiões	Produção* %	Amendoim primeira safra - Safra 2024/2025						
			OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR
MG	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba	4,58	S/E	S/E/DV	DV/F/EG	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	C
SP	Araçatuba	4,42	S/E	S/E/DV	DV/F/EG	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	C
	Araraquara	6,44	S/E	S/E/DV	DV/F/EG	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	C
	Assis	4,61	S/E	S/E/DV	DV/F/EG	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	C
	Bauru	13,56	S/E	S/E/DV	DV/F/EG	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	C
	Marília	22,77	S/E	S/E/DV	DV/F/EG	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	C
	Presidente Prudente	14,14	S/E	S/E/DV	DV/F/EG	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	C
	Ribeirão Preto	13,86	S/E	S/E/DV	DV/F/EG	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	C
	São José do Rio Preto	11,38	S/E	S/E/DV	DV/F/EG	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	C

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita.

Fonte: * IBGE (PAM 2023)/Conab.

GERGELIM

Mato Grosso: as condições meteorológicas, como luz, temperatura e umidade foram altamente favoráveis ao estabelecimento e desenvolvimento inicial da cultura do gergelim.

A cultura está predominantemente em estágio de floração, apresentando boa evolução vegetativa, graças ao clima favorável. Observou-se uma intensificação dos tratos culturais durante o mês, com destaque para as operações de adubação de cobertura e aplicações fitossanitárias preventivas e/ou curativas. Essa intensificação no manejo, aliada às condições climáticas favoráveis, sustenta uma expectativa de produtividade superior à registrada na safra anterior.

A conjuntura segue favorável ao gergelim em Mato Grosso, ainda que, nesta safra, tenha ocorrido um rompimento com a tendência de ganho de área, que vinha sendo registrada ao longo dos últimos anos. Neste ciclo, a área apresenta-se próxima à estabilidade, com leve tendência de retração, com este espaço sendo majoritariamente alocado ao milho segunda safra. Ainda assim, a área remanescente destinada ao gergelim é bastante representativa no contexto regional, aproximando-se da marca de 400 mil hectares.

O mercado de gergelim tem se mostrado ativo neste momento, com avanço nas negociações entre produtores e compradores, e fechamento de contratos antecipados.

A demanda externa segue impulsionando a cultura em âmbito estadual, com destaque para a Ásia e Oriente Médio, oferecendo lastro à produção mediante a possibilidade de travamento prévio de contratos. Estima-se que mais da metade da produção referente à safra 2024/25, a ser colhida em meados de 2025, já esteja antecipadamente travada.

Pará: com o clima favorável e janelas de plantio finalizando na maioria das regiões, as lavouras apresentam-se em bom estado de desenvolvimento em todas as regiões, mas ainda restam cerca de 20% a serem semeadas.

Tocantins: o plantio ocorreu no final de março, em municípios da região centro-norte do estado.

As lavouras apresentam-se em boas condições, sem ataque de pragas durante o monitoramento, e em diferentes estágios, desde desenvolvimento vegetativo ao enchimento de grãos.

GIRASSOL

Rio Grande do Sul: a colheita da cultura no ciclo 2024/25 foi encerrada em janeiro. Foram cultivados 4,1 mil hectares da cultura, e a produtividade média foi de 1.800 kg/ha.

Beneficiada pelas chuvas durante boa parte inicial do desenvolvimento e pelo tempo seco na maturação e colheita dos grãos, o resultado é considerado satisfatório pela cadeia produtiva. A média do teor oleico dos grãos foi ótima e ficou em torno de 45%.

Goiás: a área cultivada com girassol totaliza 47,3 mil hectares, com a produtividade média voltando à estimada inicialmente, no começo da safra, para 1.500 kg/ha devido ao bom regime de chuvas ocorrido durante abril.

A maior parte das lavouras se encontra em fase de pré-florescimento, com lavouras em pleno florescimento e início do desenvolvimento de capítulos. O desenvolvimento da cultura é considerado satisfatório, em linha com o observado em outros cultivos de segunda safra, e foi beneficiado pelo regime de chuvas registrado em abril.

Não há registros de ocorrência de pragas ou doenças fúngicas que tenham causado danos econômicos à cultura. Estima-se que 40% das lavouras estejam na fase vegetativa e 60% na fase reprodutiva.

As condições climáticas têm favorecido o cultivo do girassol, até o momento. As chuvas de abril foram extremamente benéficas, especialmente para o desenvolvimento da cultura na fase reprodutiva. Em muitas áreas produtoras, o volume pluviométrico de abril superou o de março.

O mercado manteve-se estável, sem evolução no índice de comercialização

antecipada, que ficou em torno de 60%.

Mato Grosso: o regime de chuvas em abril foi adequado para conservar o desenvolvimento vegetativo da cultura.

Por ocasião de tempo climático favorável, associado aos tratos culturais adequados, a cultura vem apresentando boa evolução. As lavouras do cereal estão predominantemente em estágio vegetativo e uma parcela menor em floração. Entretanto, para que a planta desenvolva todo seu potencial produtivo é necessário que a pluviosidade, mesmo que em baixo volume, estenda-se ao menos até às primeiras semanas de maio.

Área cada vez mais reduzida tem sido destinada ao girassol em Mato Grosso, em tendência que se instaurou nos últimos anos. O girassol tem perdido espaço para culturas de segunda safra, como milho, algodão, gergelim e feijão-caupi. A desmotivação ocorre por fatores agronômicos, econômicos e logísticos. Esta safra reflete este movimento, que já vem ocorrendo ao longo dos últimos anos, em que o milho, por meio de sua valorização de preço e das condições climáticas favoráveis à sua semeadura, tem tomado espaço de outras culturas, em especial, do girassol. A produção da oleaginosa tem migrado a outros estados, com destaque para Goiás. Em Mato Grosso, a pequena área cultivada será destinada para ração de pássaros.

Distrito Federal: a cultura se encontra em fase de desenvolvimento vegetativo, com área estimada em 600 hectares. A expectativa de produtividade média é de 2.112 kg/ha, configurando, portanto, uma produção de 1.267 toneladas.

A produção é destinada totalmente ao comércio local, onde é vendida no varejo a criadores de pets, principalmente para alimentação de aves ornamentais.

Mato Grosso do Sul: o período iniciou sob condições críticas de umidade no solo na região produtora da oleaginosa, porém as chuvas retornaram ao final de março, melhorando os volumes e a distribuição a partir do segundo decêndio de abril, encerrando com excelente disponibilidade de água no solo.

A cultura se encontra em excelente desenvolvimento, tendo recebido adubação foliar de boro, controle de ervas daninhas e aplicação de fungicida preventivo no período avaliativo. Alguns talhões já iniciaram a fase de florescimento, com boas perspectivas produtivas, até o momento.

A negociação do grão é pretendida por indústrias de biodiesel em São Paulo, porém não há negócios firmados entre produtor e comprador.

MAMONA

Bahia: espera-se o aumento da área cultivada devido à cotação da saca, com a expansão em áreas que seriam destinadas ao feijão e milho.

O plantio das lavouras está finalizado, visto que as últimas áreas semeadas foram em sucessão ao feijão e milho irrigado. A irregularidade hídrica limita o potencial produtivo das lavouras de sequeiro, com perdas de 10% a 90%, conforme o estágio da lavoura. As altas temperaturas influenciam negativamente na polinização das flores, havendo possibilidade de perdas nas lavouras irrigadas. Com a chegada do outono, as chuvas de trovoadas e a redução da temperatura geraram melhores condições para as lavouras. Espera-se que, com as temperaturas mais amenas, haja maior volume de frutos nos cachos.

SORGO

Goiás: a umidade do solo continua a favorecer o desenvolvimento da cultura. Mesmo que as chuvas ocorram em pancadas, isso tem sido suficiente, pois a cultura possui alta resistência ao deficit hídrico. As lavouras demonstram bom desenvolvimento, distribuídas da seguinte forma: aproximadamente 70% em fase vegetativa, 25% em formação de cachos e 5% em enchimento de grãos. Na região sul, foi observada pressão do pulgão amarelo em algumas áreas, porém a maioria dos produtores realizou controle preventivo com sucesso.

Mato Grosso do Sul: devido à sua capacidade de adaptação rápida e eficiente em solos mais arenosos, as lavouras permanecem em boas condições em todo o estado. O que chama atenção, no momento, é a previsão de entrada de massa de ar polar que reduzirá as temperaturas para patamares que favorecem o surgimento da mela do sorgo, já que grande percentual dos cultivos está em floração e, portanto, em estágio susceptível à doença. Até o momento, os níveis de infestação de pragas estão baixos, permitindo um manejo eficiente e de custo controlado. Além disso, foi constatado forte elevação da área cultivada em Nova Alvorada do Sul, município que apresenta restrições para o cultivo de milho em segunda safra devido à pior qualidade do solo e de distribuição das chuvas no outono/inverno.

Mato Grosso: as lavouras demonstram um desenvolvimento satisfatório, refletindo as condições climáticas favoráveis. A área cultivada nesta safra manteve-se constante em comparação com a safra passada. Contudo, a perspectiva de produtividade é superior, sustentada pela combinação de um ambiente climático mais propício e pela intensificação na adoção de tratamentos culturais, incluindo manejo nutricional e fitossanitário, por parte dos produtores.

Paraná: as lavouras de sorgo cultivadas no estado têm os seus desenvolvimentos considerados satisfatórios, na maioria das regiões. Porém, algumas lavouras localizadas na região norte foram afetadas por veranicos durante a implantação do cereal.

São Paulo: as lavouras no estado apresentam bom desenvolvimento, favorecidas pelas condições climáticas favoráveis.

Minas Gerais: as precipitações dos últimos 30 dias amenizaram as temperaturas médias no estado, proporcionando boas condições para o desenvolvimento do cereal, mesmo tendo grande parte das áreas semeadas fora da janela ideal. Destacamos que houve relatos de áreas semeadas ainda no início de abril, uma vez que as condições favoráveis estimularam o cultivo em áreas que até então ficariam em pousio ou seriam cultivadas com plantios de cobertura. Desse modo, tivemos correções positivas para a cultura tanto em área quanto em produtividade.

Distrito Federal: as lavouras se encontram em fase de desenvolvimento vegetativo a reprodutivo, com bom estande de plantas e sanidade adequada. As chuvas regulares no início do ciclo e a redução das precipitações a partir de março contribuíram para o desenvolvimento saudável das plantas, favorecendo a produtividade. A área plantada se manteve semelhante à cultivada na safra passada.

Bahia: o plantio foi finalizado na região oeste, onde as lavouras seguem com bom desenvolvimento, apresentando-se em fase de desenvolvimento vegetativo. As expectativas são boas, principalmente devido à boa reserva hídrica no solo. No centro- norte e sul, as plantas apresentam-se em fase de enchimento de grãos, maturação e colheita, com a capacidade produtiva comprometida devido à estiagem nessas regiões.

Maranhão: o plantio foi finalizado no estado em sucessão ao cultivo da soja, e foi estimado aumento de área em relação à safra passada. As lavouras semeadas apresentam bom desenvolvimento, favorecidas pelas boas precipitações intercaladas com períodos de sol.

Piauí: o plantio foi concluído na segunda quinzena de março, e houve aumento da área cultivada em relação à estimativa inicial. As lavouras seguem se desenvolvendo em boas condições, favorecidas pelas chuvas ocorridas durante março e início de abril.

Tocantins: as lavouras entraram no início da fase reprodutiva, e os produtores vêm realizando as aplicações de defensivos. As áreas semeadas estão em boas condições de desenvolvimento devido à regularidade das chuvas no estado.

Pará: as lavouras se encontram em boas condições de campo, sem relatos de ataques de pragas e favorecidas pelas precipitações regulares.

QUADRO 11 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS E DE TEMPERATURA E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS- SORGO

Legenda - Condição hídrica											
	Favorável		Baixa Restrição - Falta de Chuva		Baixa Restrição - Excesso de Chuva		Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas				
			Média Restrição - Falta de Chuva		Média Restrição - Excesso de Chuva		Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas				
			Alta Restrição - Falta de Chuva		Alta Restrição - Excesso de Chuva		Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas				

UF	Mesorregiões	Produção* %	Sorgo - Safra 2024/2025							
			JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO
PA	Sudeste Paraense	1,83		PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C
TO	Ocidental do Tocantins	2,01		PS	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M	M/C	C
PI	Sudoeste Piauiense	2,48		PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C
BA	Extremo Oeste Baiano	2,91	PS	S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	C	
	Centro Norte de Mato Grosso do Sul	4,02		PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C
MS	Leste de Mato Grosso do Sul	3,43		PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C
	Sudoeste de Mato Grosso do Sul	2,83		PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C
MT	Norte Mato-grossense	2,16		PS	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M	M/C	C
	Centro Goiano	1,12		PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C
GO	Leste Goiano	6,85		S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C
	Sul Goiano	22,83		S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C
MG	Noroeste de Minas	5,22		PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba	23,93		S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C
	Araçatuba	2,20		PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C
SP	Bauru	1,28		PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C
	Assis	1,99		PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C
	Itapetininga	1,52		PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C
PR	Norte Central Paranaense	2,30		PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita.

Fonte: * IBGE (PAM 2022)/Conab.

Para mais informações sobre o progresso da safra das demais culturas de verão, [clique aqui](#).



OUTRAS CULTURAS DE INVERNO

AVEIA-BRANCA

Rio Grande do Sul: a estimativa atual é de manutenção da área cultivada em 356,8 mil hectares.

Nas regiões mais quentes, os produtores já iniciaram a semeadura da cultura no último decêndio de abril. A área semeada até o final do mês representa 6% do total previsto para o ciclo do inverno de 2025. As plantas estão 100% em emergência. Nestas áreas, os produtores buscam uma colheita precoce e o cultivo de outra cultura em sucessão, principalmente o milho.

Os produtores das regiões que iniciaram a semeadura estão prontos para a continuidade da semeadura, mas o baixo volume de chuvas observado desde o segundo decêndio de abril causou a diminuição da umidade nas camadas superficiais do solo, fazendo com que os produtores aguardem pelo retorno das precipitações para a continuidade da operação.

Na maioria das regiões, os produtores ainda realizam o planejamento das lavouras, mas já é considerável a parcela de áreas sendo preparadas para a realização da semeadura ainda em maio. A semeadura da cultura deverá perdurar até julho, quando as regiões mais frias devem finalizar a operação.

Paraná: as condições climáticas permaneceram com precipitações irregulares, tanto na distribuição espacial como na distribuição temporal, com um certo alívio nas temperaturas, que estavam muito quentes, a evapotranspiração também reduziu, no entanto, permanece os menores níveis de água no solo.

A cultura de aveia deverá ocupar uma área de 94,5 mil hectares neste inverno, e 12,7% da área prevista havia sido semeada, até este levantamento. As lavouras implantadas encontram-se nas fases fenológicas de germinação e desenvolvimento vegetativo, sendo consideradas as condições como boas.

A cultura não tem histórico de vendas antecipadas, estando em início de plantio, o reflexo da sua importância para o cenário dos plantios de inverno ficará mais definido a partir do próximo mês, quando os plantios se intensificarão e a área de plantio será melhor definida.

Mato Grosso do Sul: o período apresentou clima favorável em toda a região produtora do cereal, porém a semeadura é considerada incipiente devido às precipitações ocorridas nesse período.

A cultura tem o seu cultivo concentrado praticamente na região sul do estado, sobretudo nos municípios de Ponta Porã, Laguna Carapã, Dourados, Amambaí, Aral Moreira e Maracaju. A estimativa de área a ser cultivada no estado é de aproximadamente 35 mil hectares, ou seja, há tendência de redução da área em relação à safra anterior, considerando que, até o momento, alguns produtores seguem indecisos na escolha da cultura a ser cultivada nesta safra.

CANOLA

Rio Grande do Sul: nas regiões mais quentes os produtores já iniciaram a semeadura da cultura no último decêndio de abril. A área semeada até o final do mês representa 6% do total previsto para o ciclo do inverno de 2025. As plantas estão 100% em emergência. Nestas áreas os produtores buscam uma colheita precoce e o cultivo de outra cultura em sucessão, principalmente o milho.

O baixo volume de chuvas observado desde o segundo decêndio de abril causou a diminuição da umidade nas camadas superficiais do solo, fazendo com que os produtores aguardem pelo retorno das precipitações para a continuidade da operação de semeadura.

Na maioria das regiões os produtores ainda realizam o planejamento das lavouras, mas já é considerável a parcela de áreas sendo preparadas para a realização da semeadura ainda em maio. A semeadura da cultura deverá perdurar até julho no estado, quando as regiões mais frias devem finalizar a operação.

Paraná: o plantio desta oleaginosa é incipiente, com cerca de 2% da área plantada. A área tem previsão de incremento de 22,2% em relação à safra passada, sendo uma cultura com baixa área de produção, qualquer aumento de área acaba se destacando. As condições das lavouras são consideradas como boas.

Algumas regiões ainda plantam como alternativa para o inverno, no entanto, ainda é pequena a área, pelo desestímulo de problemas agrônômicos, comerciais e de armazenagem. Não há cotação de canola neste período, tendo em vista sua baixa produção, considerada totalmente comercializada a última safra.

CENTEIO

Paraná: a semeadura ainda não foi iniciada, com programação de início para maio.

CEVADA

Rio Grande do Sul: assim como para as demais culturas de inverno, a cevada também apresenta incertezas quanto à real área a ser cultivada no ciclo do inverno de 2025. A cultura, que tem como principal finalidade a produção de grãos para a produção de malte, mas tem apresentado, nas últimas safras, uma pequena parcela de lavouras destinadas à produção de grãos para a formulação de ração.

Apesar dos produtores estarem envolvidos com a colheita e comercialização das culturas de verão, técnicos das indústrias, cerealistas e cooperativas já estão em fase de negociação dos contratos com os produtores, visto que boa parte dos contratos já foi firmada.

A semeadura da cultura ainda não iniciou, mas deverá iniciar, em algumas regiões, no final de maio e perdurar até julho. Por ser uma cultura com bom aporte tecnológico, os produtores já iniciaram os manejos pré-semeadura em praticamente todas as regiões produtoras.

Em razão do potencial produtivo similar e à remuneração superior à do trigo, graças ao bônus de qualidade pago pela indústria, a cultura se mostra com boa alternativa aos produtores que buscam boa rentabilidade neste ciclo.

As principais regiões produtoras são o Planalto Superior e o leste do Planalto Médio. Nestas regiões, as condições edafoclimáticas são favoráveis à obtenção de boas produtividades e, especialmente, de grãos de maior qualidade e sanidade. Na parte oeste do Planalto Médio, também haverá o cultivo da cultura, mas a participação na área total deverá ser próxima a apenas 10%. Nas demais regiões, o cultivo é majoritariamente para fins forrageiros.

Paraná: o plantio é incipiente, com cerca de 4% da área a produzir já realizada e em emergência. A previsão é de cultivo de 94,3 mil hectares, o que é 21,2% superior aos 77,8 mil hectares a cultivados no ciclo 2023/24.

Esse aumento é devido à recuperação de áreas nas várias regiões de produção, mas principalmente na região de Guarapuava. Já na região dos Campos Gerais paranaenses, devido à implantação de uma nova maltaria, a demanda pelo cereal induz ao aumento do cultivo dessa cultura.

TRITICALE

Rio Grande do Sul: assim como para as demais culturas de inverno no estado, segue indefinida a área a ser cultivada com a cultura no ciclo de inverno de 2025. Apesar da sinalização do aumento da área cultivada para produção de etanol nas próximas safras, para esta ainda está sendo previsto o cultivo de uma área de 4,8 mil hectares, tal qual foi na safra passada.

Paraná: plantio em maio. A estimativa é de redução da área.

Para mais informações sobre o progresso da safra das demais culturas de inverno, [clique aqui](#).



MINISTÉRIO DO
DESENVOLVIMENTO
AGRÁRIO E
AGRICULTURA FAMILIAR

